DAYSE DAYANE DA SILVA VARGAS

PERCEPÇÃO DE MULHERES COM FIBROMIALGIA SOBRE AS RELAÇÕES COM AS SUAS FIGURAS MATERNAS

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE-MS
2022

DAYSE DAYANE DA SILVA VARGAS

PERCEPÇÃO DE MULHERES COM FIBROMIALGIA SOBRE AS RELAÇÕES COM AS SUAS FIGURAS MATERNAS

Dissertação apresentada ao Programa Pós-Graduação – Mestrado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, área de concentração: Psicologia da Saúde, sob a orientação da Profa. Dra. Luziane de Fátima Kirchner e co-orientação da Profa. Dra. Luciane Pinho de Almeida.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

MESTRADO E DOUTORADO EM PSICOLOGIA

CAMPO GRANDE-MS

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)Universidade
Católica Dom Bosco
Bibliotecária Mourâmise de Moura Viana - CRB-1 3360

V297p Vargas, Dayse Dayane da Silva
Percepção de mulheres com fibromialgia sobre as relações com suas figuras maternas/ Dayse Dayane da Silva Vargas sob a orientação da Profa. Dra. Luziane de Fátima Kirchner e co-orientação da Profa. Dra. Luciane de Pinho de Almeida.-- Campo Grande, MS : 2023.
93 p.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande-MS, 2023
Bibliografia: p. 18- 49

1. Figura materna. 2. Fibromialgia. 3. Sentimentos.
4. RelacionamentosI.Almeida, Luciane Pinho de. II.Kirchner, Luziane de Fátima. III. Título.

CDD: 155.6423

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
Inspira o futuro

A dissertação apresentada por **Dayse Dayane da Silva Vargas**, intitulada **"Como as mulheres com fibromialgia percebem as relações com as suas figuras maternas."**, como exigência parcial para obtenção do título de Mestrado em PSICOLOGIA à Banca Examinadora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), foi...APROVADA.....

Luziane de Fátima Kirchner, como presidente da banca assinei a folha de aprovação com o consentimento de todos os membros, ainda na presença virtual destes.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Luziane de Fátima Kirchner
Pós-Doc. Francisca Bezerra de Souza
Profa. Dra. Ana Suy Sesarino Kuss

Campo Grande - MS, 14 de dezembro de 2022.

Mãe, mãe, tua dor foi meu leite,
A seiva da ramaria de meus ossos.
Estão fortes agora, como o aço frio,
mas sempre ansiaram pelo sol.
Meu nascimento te dilacerou apenas uma vez-
dos outros tu foste poupada;
mas eu,olhando-me emergir,
não sei de quem é o sangue.
Mãe,mãe, tuas lágrimas escorrem em meu corpo salgado
e as marés empurram minha vida para cima da tua.
Nossas falas tornam-se mais claras enquanto vou acordando
e a tua morte é mais fecunda e fácil.
Mãe,mãe,bem-vinda à minha forma:
respiremos juntas.

Judith Anderson

DEDICATÓRIA

A todas as mulheres de minha ancestralidade, a todas as mulheres que, mesmo que não mães, para estarem aqui, são filhas, e especialmente às mulheres que possuem em seu corpo registros internos da relação mãe-filha, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela força, capacidade e coragem.

Agradeço a todas as mulheres da minha família que me antecederam, minha mãe, avó, bisavó, tataravó, e outras. Carrego em mim com toda certeza a força de vocês.

Agradeço a minha família, meu alicerce em tantos momentos, pela compreensão de toda ausência nesse período.

Agradeço a minha orientadora Luziane por, acima de qualquer função, ter sido primeiramente humana. Obrigada por acreditar em mim, pela força, pelo encorajamento, pelo respeito, pela sabedoria de orientar sem privar minha autonomia e pelo carinho. Suas palavras de força também me trouxeram até aqui e a minha gratidão é eterna.

Agradeço à professora Luciane, por aceitar ser co-orientadora, por sua atenção e por suas contribuições.

Agradeço à colega de mestrado Dulce por ser apoio e acolhimento em tantos momentos durante essa caminhada, e pela participação como juíza na avaliação das categorias desse trabalho.

Agradeço às mulheres que aceitaram participar da pesquisa, por dividir algo tão valioso comigo, que é a visão e os sentimentos que elas têm de suas figuras maternas.

Agradeço a minha psicanalista Maristela, por suportar minha angústia nesse período.

Agradeço ao apoio financeiro recebido pela Fundect.

RESUMO

A figura materna possui papel fundamental na estrutura psíquica de um indivíduo, proporcionando que aspectos sentidos como intoleráveis para o bebê possam ser transformados em funções psíquicas organizadoras. A relação entre mãe e filha produz profundas marcas na sua constituição enquanto mulher, que a acompanham por toda a sua vida, e que tendem a ser, inclusive, frutos de conflitos transgeracionais inconscientes. O presente trabalho investiga como mulheres com fibromialgia percebem as relações com as suas figuras maternas, limitando-se à análise de uma única geração e considerando exclusivamente a percepção das filhas. Esta dissertação foi elaborada no formato de dois artigos, sendo que o primeiro artigo faz uma análise de caso único, considerando o relato de uma participante com diagnóstico de Fibromialgia (A., 43 anos), na tentativa de buscar aprofundamento dos aspectos individuais da relação da participante com sua figura materna. O segundo artigo visa identificar o relato e a perspectiva de um grupo de mulheres com fibromialgia (n=15) a respeito da sua relação com a figura materna, e como esses relatos vão se aproximando para compreender como se transpõe em sentimento de rejeição, abandono, raiva, culpa, afeto, aceitação e proteção. Para atingir o objetivo, utilizou-se como metodologia a pesquisa qualitativa com embasamento teórico da Psicanálise, especialmente sob o olhar de Klein, Winnicott e Freud. O processo de construção das informações se deu, no primeiro artigo, pela participação de uma paciente que se encontra em atendimento na clínica-escola da UCDB, e no segundo artigo pelo uso da técnica metodológica denominada bola de neve, que possibilitou o contato com 15 mulheres participantes da pesquisa. Estas apresentaram os seguintes critérios: ter sido criada pela mãe, ter a mãe viva, terem entre 18 e 60 anos e terem o diagnóstico de fibromialgia há, no mínimo, 1 ano. No primeiro artigo foi utilizada uma entrevista de livre estruturação, na qual a participante é livre para direcionar as respostas à partir de eixos temáticos, e no segundo artigo foi utilizada a entrevista em profundidade, que é uma técnica metodológica qualitativa que permite o acesso a questões emocionais e subjetivas dos participantes de maneira aprofundada. Através das entrevistas dos dois artigos foi possível compreender que as participantes percebem a relação com sua figuras maternas como sendo permeadas de conflitos ambivalentes onde sentimentos de culpa,raiva,identificação,etc, são presentes,tendo dificuldade em fazer o processo de individuação, promovendo um entrelaçamento entre ambas. Essas vivências podem ter trazido grande impacto na vida das mulheres com fibromialgia, sendo o corpo palco desses conflitos através de seus sintomas.

Palavras-chave: Figura Materna; Fibromialgia; Relacionamento; Sentimento.

RESUMO

The mother figure has a fundamental role in the psychic structure of an individual, providing that aspects felt as intolerable to the baby can be transformed into organizing psychic functions. The relationship between mother and daughter produces deep marks in her constitution as a woman, which accompany her for her entire life, and which tend to be the fruit of unconscious trans-generational conflicts. The present work investigates how women with fibromyalgia perceive their relationships with their mother figures, limiting itself to the analysis of a single generation and considering exclusively the daughters' perception. This dissertation was elaborated in the format of two articles, with the first article doing a single case analysis, considering the report of a participant diagnosed with Fibromyalgia (A., 43 years old), in an attempt to seek deepening of the individual aspects of the participant's relationship with her mother figure. The second article aims to identify the report and the perspective of a group of women with fibromyalgia (n=15) regarding their relationship with the mother figure, and how these reports are approached to understand how they are transposed into feelings of rejection, abandonment, anger, guilt, affection, acceptance and protection. To reach the objective, the methodology used was qualitative research with a theoretical basis in Psychoanalysis, especially from the point of view of Klein, Winnicott, and Freud. The process of construction of the information was given, in the first article, by the participation of a patient who is being treated at the clinic-school of the UCDB, and in the second article by the use of the methodological technique called snowballing, which allowed the contact with 15 women participating in the research. These women presented the following criteria: having been raised by their mother, having a living mother, being between 18 and 60 years old, and having been diagnosed with fibromyalgia for at least 1 year. In the first article a free-structured interview was used, in which the participant is free to direct her answers based on thematic axes, and in the second article an in-depth interview was used, which is a qualitative methodological technique that allows access to emotional and subjective issues of the participants in an in-depth manner. Through the interviews of the two articles, it was possible to understand that the participants perceive the relationship with their maternal figures as being permeated with ambivalent conflicts where feelings of guilt, anger, identification, etc., are present, having difficulty in carrying out the individuation process, promoting a interweaving between the two. These experiences may have had a great impact on the lives of women with fibromyalgia, with the body being the stage for these conflicts through their symptoms.

Palavras-chave: Mother Figure; Fibromyalgia; Relationship; Feeling.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 35
TABELA 2. 38

SUMÁRIO

TEXTO INTRODUTÓRIO....12
ARTIGO 1....15
O CORPO COMO PORTA-VOZ DA RELAÇÃO MATERNA EM MULHERES COM FIBROMIALGIA....16
RESUMO....16
ABSTRACT....16
MÉTODO....21
PARTICIPANTES....21
DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS....21
PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS....20
ANÁLISE DE DADOS....21
RESULTADOS E DISCUSSÃO....22
CONCLUSÃO....26
REFERÊNCIAS....27
ARTIGO 2....29
RELAÇÃO MÃE E FILHA A PARTIR DA PERCEPÇÃO DAS FILHAS COM FIBROMIALGIA....30
RESUMO....30
ABSTRACT....30
MÉTODO....33
PARTICIPANTES....33
DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS....36
PROCEDIMENTOS ÉTICOS E DE COLETA DE DADOS....37
RESULTADOS E DISCUSSÃO....37
CONCLUSÃO....46
REFERÊNCIAS....47
CONSIDERAÇÕES FINAIS GERAIS....49
ANEXOS....51
ANEXO 1....52
ANEXO 2....54
ANEXO 3....60
RELATOS....62

TEXTO INTRODUTÓRIO

A função materna é fundamental na estrutura psíquica de um indivíduo, sendo este o vínculo mais primitivo que experimentamos, o qual promove o alicerce para a saúde mental. Falhas nesse processo inicial podem gerar potenciais e intensas consequências emocionais. O presente trabalho teve como objetivo olhar para a relação que se estabelece entre mulheres com fibromialgia e a sua figura materna, desde o início (na configuração mãe-bebê) até os dias atuais.

O primeiro contato da autora com a psicanálise foi na graduação e posteriormente na pós-graduação de Psicoterapia Psicanalítica e grupos de estudos na área. Para a autora, a possibilidade que a psicanálise traz do aprofundamento na subjetividade, de elucidar o que está obscuro, de auxiliar no entendimento da complexidade dos fenômenos psíquicos, foram fatores norteadores na escolha dessa abordagem para atuar profissionalmente. As questões relacionadas aos pesos inconscientes que podem refletir no corpo sempre despertaram desejo da autora em compreender mais o quanto a relação materna pode exercer funções que impactam o psiquismo. A maternidade sempre foi alvo de sua atenção, especialmente a relação mãe e filha que sempre pareceu estar carregada da ambivalências de amor e ódio, inundada de significados que são transpassados entre as gerações e que norteiam a vida das mulheres.

A vivência como psicoterapeuta no atendimento a mulheres com fibromialgia despertou na autora grandes questionamentos, ao perceber o teor de mágoa e de dor que as mulheres relatavam sentir perante suas figuras maternas, parecendo sempre trazer questões inacabadas, no lugar de filhas desejantes, sempre de “algo mais”, onde o sentimento de abandono e culpa acabavam sendo protagonistas de suas falas. Tal experiência proporcionou a autora questionamentos sobre a relação materna e o adoecimento.

Um caso em específico motivou o desejo por essa pesquisa, onde ao acompanharo processo psicoterapêutico de uma paciente com diagnóstico de fibromialgia, percebia que a mesma relatava que suas dores aumentavam conforme o contato com sua figura materna. A presença entre as duas parecia revelar algo que somente o corpo poderia dizer.Embora fosse adulta, ela apresentava alguns comportamentos infantilizados e parecia sempre esperar a aprovação e o olhar da mãe em tudo que fazia, como se precisasse de permissão para poder realizar seus desejos. A paciente descrevia uma relação entre as duasbaseada em dependência e abusos. A mãe, por um lado, parecia ser dependente da filha, solicitando sua presença física constantemente e a filha, por sua vez, parecia ser

dependente da mãe, solicitando seus cuidados através da fibromialgia. Parecia que entre as duas existia uma espécie de contrato que, caso fosse quebrado, assim como qualquer pacto, anunciaria um conflito. Romper com a mãe parecia ser muito pesado para a filha, e era como se ela estivesse aprisionada na relação materna. Desde então, tenho me interessado em estudar a respeito das relações mães e filhas e os aspectos do adoecimento. Os questionamentos 'É possível um sintoma físico ser porta-voz de conflitos existentes nesta relação? Quais seriam os sentimentos que a alicerçam?' foram, portanto, norteadores deste trabalho.

Em buscas de materiais bibliográficos nas bases de dados do Portal Capes, a partir dos descritores "*mother-child relationship AND fibromyalgia OR chronic pain*", foram escassos os materiais encontrados que pudessem apoiar o objetivo do presente estudo. Os artigos disponíveis foram, em sua maioria, relacionados aos transtornos alimentares, como bulimia e anorexia, ou temas que abordam a feminilidade, devastação, a relação narcísica mãe e filha e abuso sexual. Simões (2019) explica que, embora esta seja uma relação afetiva de extrema importância na constituição psíquica, falar sobre os sentimentos ambivalentes que permeiam a relação mãe-filha ainda é incômodo, uma vez que a culpa pode fazer parte desse conflito. Diante da escassez de estudos que abordam a temática, o presente trabalho apresenta relevância para a área da Psicologia da Saúde ao discutir acerca da relação mãe-filha sobre o olhar das filhas portadoras da fibromialgia.

ARTIGO 1

O CORPO COMO PORTA-VOZ DA RELAÇÃO MATERNA EM MULHERES COM FIBROMIALGIA

RESUMO

A mãe é a primeira possibilidade de vínculo que o bebê experiencia, sendo no inicio totalmente dependente dela para sobreviver. É ela, portanto, quem mediará os seus processos de organização mental, contribuindo para a sua formação desde o início da vida até a idade adulta. Falhas nessa função materna podem resultar em diversas consequências emocionais, podendo ser o corpo o porta-voz desses conflitos em mulheres com fibromialgia. O objetivo deste trabalho foi realizar uma análise da percepção de uma mulher com fibromialgia (A.,43 anos) acerca da relação com a sua figura materna. Para isso, foi realizada uma entrevista de livre-estruturação que investigou informações sobre sua gestação, relacionamento com a figura materna na infância, percepções emocionais do início da fibromialgia e percepções sobre os sintomas da fibromialgia diante de conflitos com a figura materna. A análise foi elaborada em dois tópicos sendo: Representação da figura materna e A fibromialgia como porta-voz do sofrimento.Por meio da análise dos relatos verificou-se que as questões ambivalentes da participante com a sua figura materna indicam dependência, tendo a filha dificuldades para se individualizar, podendo ser o corpo porta-voz dos conflitos vivenciados nessa relação.

Palavras-chave: Relação materna; Fibromialgia; psicanálise

ABSTRACT

The mother is the first possibility of bonding that the baby experiences, being totally dependent on her to survive. It is she, therefore, who will mediate his mental organization processes, contributing to his formation from the beginning of life until adulthood. Failures in this maternal function can result in several emotional consequences, and the body can be the spokesperson for these conflicts in women with fibromyalgia. The objective of this study was to analyze the perception of a woman with fibromyalgia (A., 43 years old) about her relationship with her mother figure. For this, a free-structured interview was conducted that investigated information about her pregnancy, relationship with the mother figure in childhood, emotional perceptions of the onset of fibromyalgia, and perceptions about fibromyalgia symptoms in the face of conflicts with the mother figure. The analysis was divided into two topics: representation of the mother figure and fibromyalgia as a spokesperson for suffering. Through the analysis of the reports it was found that the ambivalent issues of the participant with her mother figure indicate dependence, and that the daughter has difficulties in individualizing herself, and may be the body spokesperson for the conflicts experienced in this relationship.

Keywords: maternal relationship; Fibromyalgia; psychoanalysis

INTRODUÇÃO

"O primeiro espelho da criatura humana é o rosto da mãe: A sua expressão, o seu olhar, a sua voz.[...] É como se o bebê pensasse: Olho e sou visto, logo, existo!"
Donald Woods Winnicott

As relações do bebê com a mãe, ou figura materna, são discutidas por alguns autores,dentre eles, Melanie Klein. Esta autora apontou suas ideias referentes à relação objetal, diretamente a articulação do bebê com o objeto parcial (o "seio") que fica fragmentado na mente primitiva, e caracterizou o que seria entendido como "seio bom" e "seio mau", sendo este o modelo da primeira relação objetal da criança com o mundo externo, representado pela figura materna (Klein, 1996a).

A mãe é primeiro objeto de amor e ódio do bebê, que, por sua vez, vivencia a ambivalência de desejar e odiar com toda intensidade e características dos anseios arcaicos de um prematuro. A criança ama a mãe no momento em que suas necessidades de alimentação são saciadas, tendo o alívio da fome e sentindo o prazer sensual de sua boca ao chupar o peito, sentindo-se gratificada. Mas quando não possui suas necessidades atendidas, como fome ou desconfortos físicos, podem surgir sentimentos de ódio e agressividade tomados pelos impulsos em destruir a mesma pessoa identificada como o objeto de todos seus desejos. Esses sentimentos de ódio e agressividade também podem promover no bebê algumas sensações negativas, capazes de trazer danos a seu próprio corpo, além da possibilidade de vivenciar com maior frequência o aumento da agressividade e o medo (Klein, 1996).

Discorrendo sobre o vínculo primitivo, Zimerman afirma que o primeiro vínculo consiste "na inter-relação do bebê recém-nascido com a sua mãe ou com alguma figura substituta dela" (Zimerman, 2010, p.21). A formação primária desse vínculo é propiciada pela capacidade inata do bebê para a vinculação, e a capacidade interna da figura materna de estabelecer e permitir essa vinculação. Nos anos iniciais, a relação mãe-bebê é fundamental no processo de formação da psique humana (Zimerman, 2010).

Donald. W. Winnicott (2000) aborda o desenvolvimento emocional intrínseco da fase da lactação, no período em que a criança é capaz de criar vínculo com apenas um

outro - a mãe. É no decorrer dos últimos meses de gestação e nas primeiras semanas subsequentes ao parto que surge na mãe um estado psicológico distinto que o autor nomeou de “preocupação materna primária”, cuja característica é a exacerbada capacidade da mãe em desenvolver empatia com o filho, colocando-se em seu lugar e sentindo suas necessidades.

Winnicott (1991) ressalta que é somente neste estado que a mãe vai poder prover um ambiente facilitador para o bebê se desenvolver, tornando as suas necessidades básicas em necessidades do ego. Supõe-se, então, um desenvolvimento anterior bem-sucedido, onde o *self* é sentido cada vez mais como uma unidade, dando ao bebê a ideia de um ‘eu’ e um ‘não eu’. Segundo o autor, a integração do corpo e da psique se inicia por meio do *handling*, ou seja, é por meio dos cuidados da mãe que o bebê começa a perceber a si mesmo, seu corpo, seus limites, como uma unidade separada e distinta dela. Neste momento o seio é, então, visto como parte de uma pessoa diferente do bebê, e é essa experiência que o “[...] capacita a começar a existir” (p.404), a ter experimentações, a estabelecer um ego pessoal, a controlar os instintos e a defrontar-se com as vicissitudes inerentes à vida.

Para Winnicott uma mãe saudável é uma mãe suficientemente boa, que atende à onipotência do bebê e, de certo modo, dá um sentido que propicia ao bebê a fantasia de que o mundo é criação sua, possibilitando que ele experimente a onipotência primária. A mãe boa é aquela que falha e não se culpa ou se inferioriza por isso. Essas falhas têm um grande papel no desenvolvimento do bebê, pois é através destas que a criança se frustra e começa a compreender a si mesma como ser separado, distinto da mãe (Coutinho, 1997).

A relação da díade mãe-filho pode, entretanto, ser patológica, quando gera problemas de fusão, por exemplo. Se a mãe ou o cuidador que exerce este papel foi uma criança desprovida de cuidados em sua história inicial, possuirá dificuldade em cuidar sozinha de seu bebê, da mesma forma que ela ainda precisa ser cuidada, em virtude de um notório sentimento de desamparo, caracterizando o que salienta Winnicott (1988) como o confronto de desamparos.

Com base nas reflexões sobre o vínculo mãe-filha(o), entende-se que este, por ser o mais primitivo, promove o alicerce para a saúde mental do indivíduo, e falhas nesse processo inicial podem promover potenciais e intensas consequências emocionais. Winnicott (1962) enfatiza que quando o ambiente humano, na fase primitiva individual, não for suficientemente hábil de prover os cuidados fundamentais, desamparando o bebê por períodos muito longos, este, ainda desprovido de maturidade suficiente para lidar

com seu ambiente, poderá entrar em contato com agonias impensáveis.

De acordo com Albornoz (2006), utilizando o amor da mãe e sua capacidade empática, o bebê organiza as suas pulsões libidinais e agressivas, inaugura o simbólico e se constitui como sujeito psíquico. Eis a função primordial da maternagem: apoiado no ego da mãe, o bebê satisfaz as suas necessidades, contém a sua angústia e internaliza padrões de comportamento, prosseguindo o desenvolvimento de sua personalidade e autonomia.

De acordo Albornoz e Nunes (2004), a mãe pode ser considerada um objeto transformacional porque ela é experienciada como um processo que possibilita a integração do ser instintivo, cognitivo, afetivo e ambiental do bebê pela alteração do meio. Ela transforma o vazio, a agonia e a raiva do bebê em plenitude e satisfação. Posteriormente essa função será herdada pelo ego. A maneira como a mãe conduziu o bebê determinará como ele conduzirá o seu *self* e se relacionará com os demais. Vale lembrar que, para a Psicanálise, a divisão entre corpo e psique é meramente didática; tanto o corpo biológico quanto suas representações psíquicas atuam no funcionamento psíquico de uma pessoa.

De acordo com Fillipon (2008), no início da vida a mãe faz a função de mediar os processos de organização mental para o bebê, e, de maneira progressiva, o bebê, e depois a criança, poderá "pegar" esses poderes de organização, permitindo que as funções psíquicas evoluam. Essa "função materna" possibilita ao bebê transformar as experiências emocionais intoleráveis em experiências compreensíveis pelo seu aparelho mental primitivo. Falhas nesta "função materna" ao longo do desenvolvimento do bebê e da criança poderão produzir organizações psíquicas mal estruturadas com marcada insuficiência do funcionamento mental ao longo da vida do individuo. Nestes casos, o refúgio em uma solução somática é frequente.

Para Alexander (1989), cada doença provém de aspectos somáticos, considerando que fatores emocionais influenciam todos os processos do corpo, e fenômenos somáticos e psicológicos ocorrem em um mesmo organismo, constituindo dois aspectos do mesmo processo. De acordo com Guimarães (2011), a Fibromialgia é uma síndrome caracterizada por dor nos músculos e nos tecidos fibrosos (ligamentos e tendões), que afeta prioritariamente mulheres (na proporção de oito mulheres para cada homem). Alguns sintomas associados são sono não reparador, fadiga, cansaço, ansiedade e depressão, mas a etiologia é desconhecida e o diagnóstico é exclusivamente clínico. Ou

seja, não há um exame específico que comprove a existência da fibromialgia.

Os critérios de classificação para a fibromialgia foram padronizados em 1990 pelo American College of Reumatology (ACR), tendo sido revisados por Wolfe et al (2016). Deve haver dor generalizada em pelo menos quatro das cinco regiões do corpo (acima e abaixo da cintura, os lados direito e esquerdo do corpo e coluna), que persiste por um período de no mínimo três meses, com pontuação maior ou igual a sete para Índice de dor generalizada - WPI, maior ou igual a cinco para a Escala de gravidade dos sintomas - SSS (ou WPI de 4-6 e SSS) ≥9). O diagnóstico de fibromialgia é válido independente de outros diagnósticos e não exclui a presença de outras doenças.

De acordo com Caldeira (2001) em pacientes com fibromialgia tem se observado que acontecimentos marcantes de sua história de vida sentidos como estressantes, traumáticos e conflituosos podem funcionar como ponto de ruptura emocional. Alguns autores também apontam que a dor, na fibromialgia, seria o seu sintoma, revelando uma rigidez psíquica defensiva concretizada na rigidez muscular, onde a continência maior da violência não se fixa em torno de episódios de angústia, mas concretiza-se a rigidez defensiva na rigidez da musculatura (Lima & Carvalho, 2008).

Neste contexto, a relação entre mãe e filha pode ser palco de muitos conflitos e fatores estressantes, sendo os sentimentos ambivalentes de amor e ódio presentes em sua configuração, que marcam a trajetória das mulheres.

Importante salientar que, para a Psicanálise, o sintoma é considerado como alternativa pela busca de uma condição saudável, pois permite uma certa organização psíquica ao indivíduo. O sintoma é a parte que “fala” diante da impossibilidade do indivíduo se expressar. Para Freud (1917/2009), a Psicanálise não entende o sintoma como algo que deve ser eliminado, mas faz-se necessário compreender a sua função na subjetividade. Muitas vezes, ele é a parte que pode emergir diante de uma dor e compreender a função que ele desempenha é fundamental no caminho que se estabelece em ajudar pessoas com fibromialgia.

Partindo do olhar sobre as dores e sintomas vivenciados pelas pacientes com fibromialgia, se investiga se a dor é um porta-voz de suas emoções. O objetivo deste trabalho é, portanto, realizar uma análise detalhada da perceção de uma mulher com fibromialgia (A.,43 anos) acerca da relação com a sua figura materna, a partir de eixos temáticos (informações sobre sua gestação, relacionamento com a figura materna na infância, percepções emocionais do início da fibromialgia e percepções sobre os sintomas da fibromialgia diante de conflitos com a figura materna) previamente estabelecidos.

MÉTODO

PARTICIPANTE:

A., 43 anos, solteira, sem filhos, escolaridade ensino médio completo, vive com a mãe adotiva há 41 anos. Possui o diagnóstico de fibromialgia há aproximadamente 15 anos.

DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO:

Roteiro de entrevista: Foi realizada uma entrevista de livre-estruturação, com quatro eixos temáticos nos quais a participante foi convidada a discorrer livremente sobre eles. Os temas foram: 1)Informações sobre sua gestação; 2) Relacionamento com a figura materna na infância; 3) Percepções emocionais do início da fibromialgia; 4) Percepções sobre os sintomas da fibromialgia diante de conflitos com a figura materna.

PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Posterior a autorização do Comité de ética em Pesquisa com Seres Humanos - CEP/UCDB (Parecer Nº:5.689.611), a participante foi contatada pela pesquisadora durante a sua vinda para atendimento na UCDB. A pesquisadora se apresentou e apresentou o objetivo da pesquisa, e a convidou para participar de uma entrevista com duração aproximada de 60 minutos. Ao consentir com os procedimentos realizados, a participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (ANEXO 1), e respondeu a entrevista. Foi solicitada a permissão da participante para gravar a entrevista para posterior transcrição dos dados. Uma semana após a coleta dos dados, a pesquisadora contatou a participante para saber como ela estava após ter participado deste estudo e investigou se ela se mantinha em atendimento psicológico na UCDB.

ANÁLISE DOS DADOS

Após transcrição integral da entrevista, a identificação e seleção dos relatos para a análise deste estudo foi feita analisando a descrição de A. acerca de como ela construiu a percepção em relação a sua figura materna e as consequências e conflitos advindos dessa relação. A partir da compreensão do caso, três tópicos foram organizadospara agrupar as informações, sendo eles: a) Caraterização da participante A;

b) Representação da figura materna; c) A fibromilagia como porta-voz do sofrimento.

Características da participante

A participante A. é uma mulher de 43 anos, solteira, diagnosticada com fibromialgia há aproximadamente 15 anos e que vive com a mãe adotiva desde os dois anos de idade. A. relata que a mãe biológica é 'prostituta', que vivia em uma situação precária e que tentou abortá-la. Quando a mãe a adotou, ela estava com desnutrição e anemia crônica. A. sempre soube que era adotada e descreve uma relação entre ela e a mãe adotiva permeada de conflitos, cobranças e agressividade por parte da mãe. As cobranças sempre se voltam a comparar A. com a mãe biológica, especificamente nas questões da sexualidade. A. apresenta a mãe adotiva como sendo machista e autoritária, e a mãe biológica como uma relação distante e a qual ela não deseja ter contato. A. nunca saiu da casa da mãe adotiva, não se casou e não tem filhos, sendo ela quem agora cuida dessa mãe já idosa. A. descreve seu processo de adoecimento tendo início aos 14 anos, quando descobriu ter uma outra doença crônica autoimune (Lúpus Eritematoso Sistêmico). A. relata que desde então a dor foi sua companhia, até que aos 28 anos descobriu o diagnóstico de fibromialgia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Representação da figura materna de acordo com os relados de A.

Será que a morte da mãe é a vida da filha?
Será que a vida da mãe é a morte da filha?
Naquele tempo eu já sabia
que não havia espaço para nós duas
na mesma vida, no mesmo corpo.
(BRUM, 2011, p. 134)

Uma frase chamou atenção no início do relato de A. sobre a mãe biológica: *" Então ela me rejeita completamente, e o pior é que o recíproco é verdadeiro. Também da minha parte, eu não me sinto confortável com ela porque se eu tivesse que soltar os cachorros em cima dela, eu soltaria. Eu não teria medo nenhum, se falassem "ah você matou ela?", mas e ela, o que que ela fez por mim?*. De que morte A. está se referindo? Parece que o

desejo que “matar” a mãe vem acompanhado de uma queixa “mas, o que ela fez por mim?”, estaria A. dizendo sobre o sentimento de injustiça em ter que manter essa mãe viva e não ter recebido nada em troca? A frase de A. pode denunciar dor, raiva, desejo. É possível questionar qual o preço pago por A. para que essa mãe possa permanecer viva?

A. relata que sempre esteve ao lado da mãe *"Como que eu estou conseguindo aguentar? Porque se eu fosse aquele tipo de pessoa, mesmo sendo filha adotiva, já teria chutado o balde e largado ela, e deixando por conta dos outros cuidarem dela, mas não, eu tenho ainda um pouquinho de respeito e gratidão, mas eu sinto que perdi de viver muitas coisas pra ficar com ela”*. Quando A. questiona como está conseguindo aguentar, parece que se sente acorrentada à mãe, demonstrando que o cuidar dela é um peso para si, mas mesmo assim ela se sente incumbida em fazê-lo, como alguém que está “endividado” com o outro, parecendo aqui que os sentimentos de respeito e gratidão estão à serviço de camuflar o ressentimento por sentir que perdeu de viver coisas em sua própria vida por não ter se separado dessa mãe. Na frase que ela diz “*se falassem ah você matou ela?”*, poderia estar A. se referindo ao desejo de “matar” as partes que a ligam a essa mãe, impendindo-a de viver sua individualidade.

O processo de separação da figura materna não é uma tarefa fácil para a filha, pois pela ligação particular que a filha desde menina estabelece com a mãe, de certa maneira ela continua mais facilmente alienada no desejo da mãe. “É essa espécie de alienação ao desejo do outro materno que traz dificuldade para uma filha separar-se da mãe, erigindo um desejo próprio, podendo ser dito seu”. (Zalcberg, 2003, p 54).

A. descreve a relação com sua mãe como sendo invasiva em sua intimidade, sendo a mãe controladora e que não apoia sua independência *“Eu não podia ter diário, eu não posso até hoje comprar alguma coisa e ela pergunta “Por que que você comprou?” Se eu tenho dinheiro, eu posso comprar as coisinhas para mim, mas é difícil dela aceitar que eu estou criando uma certa independência. Vou trabalhar escondido. Sabe, eu fico pensando no dia em que eu tiver minha casa, o que ela não vai fazer, o que ela não vai falar. Eu já sei, ela vai dizer já que você tem uma casa, pode ir embora, você pode me deixar sozinha, não preciso mais de você”.*

A. parece ver sua independência como algo ameaçador para a relação dela e da mãe,devendo fazer coisas escondidas, pois seria o motivo pelo qual a mãe a mandaria embora de casa, não precisaria mais de sua ajuda, e ela então não teria utilidade para a mesma. Permanecer dependente, então, seria parte do contrato dessa relação. Halberstadt (2001) corrobora esses argumentos ao apontar que a “separação, que implica autonomia,

é muitas vezes experimentada pela menina como deslealdade e como um ato de agressão contra a mãe, mesmo sem ataque à mãe em pensamento ou ato" (p.147). Neste contexto, a menina tende a crer que a mãe experimentará a separação desta relação como uma traição.

De acordo com Meira (2021), quando a mãe apresenta essa qualidade de investimento na relação, a filha sabe que o caminho para longe do corpo da mãe é um caminho sem volta, e que a sua separação estará condicionada ao abandono. Não há a opção de questionar o lugar da mãe fálica, pois se o fizer terá duras consequências por sua ousadia. Nesse lugar, ela fica presa ao desejo alheio, o desejo narcísico da mãe, tanto pela vida quanto pela morte.

> Estaria tudo certo se, para manter-se alojada nesse lugar, a filha não tivesse que pagar um valor alto por isso, pagar com a própria vida. Essa mãe fálica, completa e onipotente, que tudo pode oferecer e garantir para sua cria, captura o bebê em um narcisismo primário, universo de tramas e dramas alienantes, na crença de que ele é o único e ilimitado dono dela (Meira,2021,p.09).

Mães com essa demanda podem levar suas filhas à incapacidade de distinguir a representação de si mesma da representação dela como mãe. De acordo com McDougall (2000) pode ocorrer uma confusão dos contornos do corpo, o investimento das zonas erógenas e a distinção entre corpo materno e o corpo da criança. São bebês, crianças e mulheres que viveram de forma intensa e até cruel, "[...] a impossibilidade e até a proibição fantasiada de se individualizar, de deixar o corpo-mãe, criando [...] um corpo combinado no lugar do próprio corpo, corpo-monstro que o psiquismo tenta fazer 'falar'". (McDougall, 2000, p. 157).

A fibromialgia como porta-voz do sofrimento

"Meu corpo não é meu corpo, é ilusão de outro ser. Sabe a arte de esconder-me, e é de tal modo sagaz que a mim de mim ele oculta... Meu corpo inventou a dor a fim de torná-la interna, integrantedo meu Id, ofuscadora da luz que aí tentava espalhar-se..."

(Carlos Drummond de Andrade)

O corpo pode ser palco de diversos conflitos, sendo muitas vezes o único que pode "falar" o que está aprisionado no psiquismo. A. relata sobre a descoberta da fibromialgia

"*Tem uns 15 anos e até hoje eu não esqueço, me dói muito que ela me falou*: "*Eu me arrependo de ter te adotado, se eu soubesse que você ia me dar tanto trabalho, não teria ficado com você, mas sim com tua irmã (Choro). Depois disso eu descobri a fibromialgia".* Parece que foi muito doloroso para A. ter escutado de sua mãe sobre o arrependimento de tê-la adotado, teria A. sentido essa fala como uma segunda rejeição, como não sendo boa o bastante nem para a mãe biológica, nem para a adotiva? Os sentimentos e o impacto que despertou essa frase em A. parece ter sido traumático e pesado demais, gerando uma descarga intensa de emoções. De acordo com Macêdo (2020), a dor pode fazer o papel de mecanismo defensivo corporal com o objetivo de manter o mínimo de organização do funcionamento mental. A expressão somática está ligada à negativação do aparelho psíquico devido à sua incapacidade de lidar com o excesso de excitações desencadeado por um evento traumático atual. O excesso, então, é deslocado para o corpo. Essa é a regressão somática.

A. relata sobre as dores da fibromialgia *"Eu já percebi que minhas dores atacam quando brigo com minha mãe e ela começa a falar muito da mãe biológica, nossa se falar nela, aí o bicho pega. Como ela joga muita coisa na minha cara, eu também já cobro ela, então, às vezes, quando chega ao extremo e ela quer me bater, eu afronto ela. Porque ela quer me bater? Porque ela não quer escutar, qual é o problema dela? Aprender a escutar as coisas?".* O relato de A. diz sobre a relação de vivências agressivas, tanto de sua parte quando da figura materna, e o quanto ela associa as brigas com a mãe ao aumento de suas dores. A. fala "as dores atacam", nos remete a pensar em algo punitivo, que a ataca. Muitas vezes o superego não permite que a culpa por ter sentimentos hostis em relação á figura materna sejam direcionados à figura a qual pertence, sendo esta agressividade retornada ao próprio corpo e psiquismo.

> No confronto ambivalente, o superego torna-se responsável por suprimir toda agressividade que não pode ser direcionada. Toda hostilidade reprimida retorna a si mesmo, através de um superego tirânico e autoritário que vigia e julga os sujeitos, a culpa seria consequência desses julgamentos internos. Uma das formas de encontrar alívio, caso a culpa permaneça silenciada e o sujeito não consiga usar recursos reparadores, são as punições e a necessidade de ser castigado de alguma forma (Simões, 2019, p. 65).

O indivíduo, ao vivenciar em sua história situações dolorosas e não tendo construído um referencial simbólico que dê uma boa sustentação ao seu psiquismo, quando tiver seus limites ultrapassados, poderá ocorrer uma atuação. Assim, ao invés de conter as emoções e procurar a melhor maneira para superar o momento que está vivenciando, pode atuar inconscientemente em seu próprio prejuízo. Neste contexto,

surge o gozo na fibromialgia como uma dor intensa, migratória, que se manifesta no corpo, procurando mostrar através dela, a sua dor existencial (Kotaka, 2007).

CONCLUSÃO

Não é claro a etiologia da fibromialgia, mas uma série de estudos tem apresentado o impacto de eventos traumáticos na perpetuação dos sintomas da fibromialgia e até a concomitância desses eventos com a descoberta da fibromialgia (Caldeira, 2021). O presente estudo não pretende atribuir uma relação de causa entre a relação mãe-filha e a fibromialgia, mas sim utilizar o referencial teórico da psicanálise para apoiar as análises que descrevem o intenso sofrimento de A. relacionado à sua figura materna e também à fibromialgia.

A. apresenta em seus relatos uma dificuldade em se individualizar da figura materna diante do medo da possibilidade de afastamento que essa independência simbolizaria, ao mesmo tempo parece ressentida por sentir que perde coisas em sua vida estando presa nessa relação. De acordo com Meira(2021), “se a morte simbólica do progenitor não pode acontecer ou ser vivida, os filhos perdem também eles direito a uma existência própria e individual”.

Parece que na relação entre A. e a figura materna, continuar dependente faz parte do ‘contrato’, pois a independência simboliza abandono, e essa pode ser uma dor inegociável para A. Como exemplifica Brum (2011), “por mais ameaçadora que a casa seja, eu sei o quanto minha mão pode me ferir. Mão, não. Mãe. Se sabemos o que esperar, até mesmo a dor pode ser confortadora. E eu descubro que o pior caminho é melhor que o desconhecido" (p. 75). Talvez na relação entre A. e sua figura materna, mesmo o pior caminho pode ser melhor que o desconhecido. Romper com essa mãe, se tornar independente dela, pode levar A. a um caminho ao qual não conhece, e nesse cenário, talvez a forma possível de permanecer ligada à mãe seja anulando sua individualidade, mesmo que essa escolha também lhe traga dor.

O corpo pode ser abrigo das emoções vivenciadas e que não puderam ser pensadas, e “é possível inferir que este sujeito dolorido expressa com o seu corpo as suas inibições e bloqueios de um lado, mas por outro, expressa também os não ditos, as demandas e os desejos” (KOTAKA, 2007, p.90). Por amor à mãe, a menina pode não externalizar sua agressividade, sendo esta retornada ao próprio eu, podendo ser o corpo o palco para atuação desses conflitos.

REFERÊNCIAS

Albornoz, A. C. (2006). *Psicoterapia com crianças e adolescentes*. Casa do Psicólogo.

Albornoz, A. C. G., & Nunes, M. L. T. (2004). A dor e a constituição psíquica. *Psico-USF*, *9*, 211-218.

Alexander. F. (1989). Medicina Psicossomática: princípios e aplicações. (1a ed.). Porto Alegre: Artes Médicas, (tradução de Célia Beatriz Fischmann).

Caldeira, G. Os aspectos psicológicos da dor. In: Caldeira, G.; Martins, J.D. Psicossomática: teoria e prática**.** 2a. Ed. Rio de Janeiro: Medsi – Ed.Méd. e Científ., 2001, pp: 193-209.

Coutinho, F. (1997). O ambiente facilitador: a mãe suficientemente boa. In: Podkameni, A. B., & Guimarães, M. A. C. (1997). Winnicott, 100 anos de um analista criativo. *Rio de Janeiro: NAU*.

Fillipon, A. C. N. (2008). *A influência do trauma infantil em mulheres.* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Digitial LUME. http://hdl.handle.net/10183/14036

Freud, S. (1915/1996). Os instintos e suas vicissitudes. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos: 1914-1916. In *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos: 1914-1916* (pp. 309-309).

Halberstadt-Freud,H.C. (2001). Electra cativa. Sobre a simbiose e a ilusão simbiótica entre mãe e filha e as consequências para o complexo de Édipo. Revista Brasileira de Psicanálise, 35 (1), 143-168.

Klein, Melanie. (1996) Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. In: Obras Completas deMelanie Klein. Vol. I, Rio de Janeiro: Imago.

Klein, Melanie. (1996a) Inveja e gratidão e outros trabalhos. Obras Completas de Melanie Klein. Vol. I, Rio de Janeiro: Imago.

Kotaka, T. E. (2007). *Fibromialgia um novo sentido para a dor de existir.* [Dissertação de Mestrado, Centro Universitário de Brasília]. Instituto CEUB de Pesquisa

e Desenvolvimento – ICPD https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/10431/1/50505690

Lima,C. P.; Carvalho, C. V. Fibromialgia: uma abordagem psicológica. Aletheia, Rio de Janeiro, v. 28, n.1, p. 146-158,2008.

Macêdo, K.B (2020). Ana e a jibóia. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade, 10*(1), 47-60. http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2807/1671

Simões, L. (2019). *Condenadas por si mesmas: o sentimento de culpa na relação mãe e filha*. (Dissertação de Doutorado). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Brasil.

Winnicott, D. W. (2000). A preocupação materna primária. In: Winnicott, D. W. Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago

Winnicott, D.W. (1991). Os objetivos do tratamento psicanalítico. In: O ambiente e os processosde maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Op. Cit. Winnicott, D, W,(1986). Holding e interpretação São Paulo: Martins Fontes,1991.

Winnicott D.W. (1988). *Natureza Humana*. (p.160). Rio de Janeiro: Imago, 1990. (tradução de David Litman Bogomoletz)

Winnicott, D. W. (1951). Privação e delinquência. São Paulo: Martins Fontes.

Zalcberg,M. (2003). A relação mãe e filha. Elsevier.

Zimerman, David E. (2010). Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento, reconhecimento, napsicanálise e em nossas vidas. Porto Alegre: Artmed.

ARTIGO 2

RELAÇÃO MÃE E FILHA A PARTIR DA PERCEPÇÃO DAS FILHAS COM FIBROMIALGIA

RESUMO

O relacionamento mãe e filha possui profundo elo emocional, sendo permeado deaspectos ambivalentes e, ao mesmo tempo, estruturantes. De sua mãe a filha recebe quasetudo que a compõem e que lhe falta. O objetivo deste estudo visa identificar os relatos demulheres com fibromialgia a respeito da sua relação com a figura materna, na tentativa de verificar se há indicativos de vivências relacionadas a negligência materna, como sentimentos de rejeição, abandono, raiva, culpa, e indicativos de vivências relacionadas ao vínculo materno, tais como afeto, aceitação e proteção. Participaram da pesquisa 15 mulheres com fibromialgia, entre 19 a 57 anos, que responderam a uma entrevista em profundidade na qual foram investigados os dados de existência da relação materna, a percepção do relacionamento materno na infância, a identificação de percepções de negligência materna, as consequências do relacionamento e a percepção do relacionamento materno atualmente. Os relatos foram gravados e transcritos, e agrupadosa cinco categorias (culpa; raiva; identificação; idealização e negligência).Os resultados indicaram que em todos os relatos a relação materna se apresenta de maneira conflituosa para essas filhas, estes permeados por vivências de negligência, agressão física ou verbalfornecidas pela figura materna, e também foi observado, com frequência, o sentimento de culpa derivado desta relação. Concluiu-se que situações conflituosas parecem fazer parte da configuração dessas relações. A ambivalência de sentimentos são presentes na relação com suas figuras maternas, promovendo a essas filhas, sentimentos que podem trazer sofrimento e, ao mesmo tempo, a dependência desta relação.

Palavras chaves: relação materna; fibromialgia; adoecimento; análise qualitativa

ABSTRACT

The mother-daughter relationship has a deep emotional bond, and is permeated with ambivalent and, at the same time, structuring aspects. From her mother the daughter receives almost everything that she is made of and that she lacks. The objective of this study is to identify the reports of women with fibromyalgia about their relationship with the mother figure, in an attempt to verify whether there are indications of experiences related to maternal neglect, such as feelings of rejection, abandonment, anger, and guilt, and indications of experiences related to the maternal bond, such as affection, acceptance, and protection. Fifteen women with fibromyalgia, aged 19 to 57 years, participated in the research. They answered an in-depth interview in which data on the existence of the maternal relationship, the perception of the maternal relationship in childhood, the identification of perceptions of maternal neglect, the consequences of the relationship, and the perception of the maternal relationship today were investigated. The reports were recorded and transcribed, and grouped into five categories (guilt; anger; identification; idealization, and neglect).The results indicated that in all the reports the maternal relationship is presented in a conflicting way for these daughters, these permeated by experiences of neglect, physical or verbal aggression provided by the mother figure, and it was also observed, with frequency, the feeling of guilt derived from this relationship. It was concluded that conflicting situations seem to be part of the configuration of these relationships. Ambivalent feelings are present in the relationship with their mother figures, promoting to these daughters, feelings that can bring suffering and, at the same time, dependence on this relationship.

Keywords*:* maternal relationship; fibromyalgia; illness; qualitative analysis

INTRODUÇÃO

"Uma mulher espera mais substância de sua mãe do que de seu pai, ele vindo em segundo."

Jacques Lacan, O Aturdito Paris, 1973

A relação mãe e filha possui um foco importante na psicanálise, pois é a partir dela que a filha estrutura sua sexualidade e seu relacionamento com os outros. A ligação com a mãe produz na menina profundas marcas na sua constituição enquanto mulher, que a acompanham por toda a sua vida. É devido a este entrelaçamento entre elas e a intensidade do laço emocional que a dificuldade de separação (inconsciente) torna-se presente.

A psicanalista Annick Le Guen 2001 (apud Simões, 2019) questiona o que transmitem as mães as suas filhas? A autora responde ser a identidade, a sexualidade, a feminilidade, o reconhecimento e a complementaridade do outro sexo, a ternura, o erotismo, o desejo de maternidade, mas, também, sua ambivalência e sua violência, porque mães de vida também são mães de morte. Transmitem suas histórias, que estão entrelaçadas sobre a mãe com a própria mãe, seu discurso sobre ela mesma e também com sua filha, e, também, aceitam ou recusam suas filhas.

Freud escreveu sobre a importância da mãe para o bebê, no sentido dos primeiros cuidados, do primeiro vínculo emocional e da primeira apresentação da ligação de uma pulsão com uma necessidade do ser em ter suas tensões fisiológicas como fome, sede e dor, reduzidas. Na sequência, Freud descreve que existe uma fase anterior ao Complexo de Édipo que determina a relação entre mãe e filha, onde a principal característica é de sentimentos ambivalentes – uma combinação de amor e ódio da menina por sua mãe que quase sempre resultará em ódio (Souza, 2014). Essa ambivalência de sentimentos ocorre devido ao fato da mãe ter sido o primeiro amor da menina, mas, depois, torna-se a maior decepção que lhe podia acontecer. Segundo Freud, essa decepção é tão devastadora que ela desloca o amor que sentia pela mãe, para o pai:

> O afastamento em relação à mãe ocorre sob o signo da hostilidade, a ligação materna acaba em ódio.Um ódio assim pode se tornar conspícuo, e durar por toda vida.Mais tarde pode ser

> cuidadosamente sobre-compensado; via de regra, uma parte dele é superada, enquanto outra persiste. (Freud, 1980, p. 275).

De acordo com Simões (2019), essa relação é reeditada ao longo da vida de mães e filhas. Da terna submissão até as reclamações impiedosas, os conflitos de mães e filhas parecem excessivos. A hostilidade da menina direcionada à mãe pode ocorrer por frustrações, questões relacionadas à sexualidade e a ambivalência da intensa relação primária ligada a essa mãe e, ao mesmo tempo, à alternativa de abandonar esse objeto. Filhas podem se sentir aprisionadas em uma teia materna formada por amor e ódio, da qual muitas vezes não conseguem se desvencilhar, "a dificuldade da filha de afastar-se da mãe explicaria a expressão de uma ligação profunda entre ambas e o resultante ressentimento por essa relação exclusiva da qual a filha não consegue se desentranhar" (Zalcberg, 2003, p. 45).

Os aspectos que permeiam as ambivalências de sentimentos e a dependência de ambas parecem fazer parte de um laço extremamente desafiador. As questões trazidas aqui têm o objetivo de perceber, através das filhas com fibromialgia,onde podem sentimentos como culpa, raiva, desamparo, negligência, idealização e identificação fazer parte dessas relações e como esses sentimentos podem atuar em seu funcionamento psíquico. A relação com a mãe nunca é totalmente satisfatória, tendo em vista que esses conflitos, ambivalentes, fatalmente fazem surgir fantasias persecutórias(Simões,2019).

É esperado que a filha revisite e reexamine a relação que possui com sua figura materna ao longo da vida. São memórias psíquicas e físicas que essas mulheres carregam. Pretende-se com este trabalho enriquecer as discussões sobre os conflitos e sentimentos que se destacaram a partir da percepção das filhas, sobretudo daquelas que apresentam o diagnóstico de fibromialgia. Esta sindrome é caracterizada por dor musculoesqueletica e difusa entre os quatro quadrantes do corpo, com sintomas de fadiga, cansaço,sono não reparador, ansiedade e depressão associados. Não há como comprovar, por exames médicos, o diagnóstico de fibromialgia. E sua etiologia também é desconhecida (Guimarães,2011).

Diante do exposto, a presente pesquisa tem como objetivo identificar os relatos de mulheres com fibromialgia a respeito da sua relação com a figura materna, na tentativa de verificar se há indicativos de vivências relacionadas à negligência materna, como sentimentos de rejeição, abandono, raiva, culpa, e indicativos de vivências relacionadas ao vínculo materno, tais como afeto, aceitação e proteção. Este estudo pretende contribuir

para a temática sobre relação materna, especificamente na visão das filhas com fibromialgia, buscando compreender os aspectos dessa relação.

MÉTODO

Este estudo foi realizado a partir do método qualitativo, tomando como base os relatos que mulheres com fibromialgia apresentaram, a partir da relação com suas figuras maternas, em momentos de entrevista**.** Segundo Goldenberg (1999), o método qualitativo tem como objetivo compreender os indivíduos em seus próprios termos. Para isso, não busca enumerar ou medir eventos, seu foco de interesse é amplo e parte de uma perspectiva diferenciada através da obtenção de dados descritivos por intermédio do contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. Nas pesquisas qualitativas, o pesquisador busca compreender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, elabora sua interpretação dos fenômenos estudados (Neves, 1996).

Turato (2003) aponta que o pesquisador vincula seu interesse em conhecer as qualidades de seu objeto de investigação. Este tipo de método pode ser utilizado para a compreensão de fenômenos à luz da Psicanálise, por ter o objetivo de interpretar os significados apresentados pelos indivíduos.

PARTICIPANTES

As participantes foram identificadas por nomes de árvores nativas do Brasil, considerando algumas das seguintes analogias. De acordo com Chevalier (2016), a árvore possui profunda simbologia para a humanidade, desde as simbologias que integram algumas tradições, vale mencionar o valor especial para alguns povos e religiões. A árvore em si pode ser vista como símbolo do desenvolvimento psicológico e do processode individuação do ser humano. Desde a semente, a árvore carrega em si todo o potencialdo que pode se tornar, dependendo para isso das condições que vai estar submetida, sendo necessário esforço para sair do fundo da terra e emergir para o ambiente e, a partir daí, sua resposta à exposição da luz e do sol passa a reger seu desenvolvimento. Outro fator necessário para a sobrevivência da árvore está no aprofundamento de suas raízes, pois é a raiz forte e profunda que garante a busca de água e alimentos em áreas de difícil acesso. Para crescer, sua copa precisa resistir às adversidades climáticas que podem ocorrer, como tempo seco, vento forte, seca, etc.

De acordo com Chevalier (2016), a história da árvore não é esquecida, os anéis de crescimento do tronco registram tudo pelo que ela passou e mostram que, muitas vezes, ela precisou se curar de feridas, cresceu menos em períodos de seca, cresceu mais em períodos de chuva, etc.

Faz-se a analogia da árvore ao processo de desenvolvimento de uma menina através da relação com sua mãe. Assim como a árvore, todas nós nascemos com potencial interno que, para crescer e emergir, precisará de algo que nos alimente, tanto fisicamente quanto emocionalmente. Inicialmente, a amamentação faz essa função, o contato mãe-bebê vai promover ao bebê tanto a função de suprir seu organismo do que é necessário para o crescimento, quanto emocionalmente, promovendo a segurança que tanto precisa. Assim como nas árvores, que tem sua história marcada em seu tronco, a menina, que agora é mulher, também pode ter em seu corpo a sua história marcada pelos registros que ficaram da relação com sua figura materna, sendo essas marcas tanto de amor quanto de dor. Participaram da pesquisa 15 mulheres que apresentaram os seguintes critérios: ter sido criada pela mãe, ter a mãe viva, terem entre 18 e 60 anos e terem o diagnóstico de fibromialgia há no mínimo um ano (Tabela 1). O critério de ter a mãe viva se justifica a partir da hipótese de que a descrição de mães falecidas poderiam interferir nas respostas das participantes em função do luto.

Todas as participantes são moradoras da cidade de Campo Grande, no estado de Mato Grosso do Sul. Das 15 participantes, 3 possuem ensino superior completo, 3 ensino superior incompleto e 9 ensino médio completo. No que tange as profissões, 8 participantes trabalham na área da saúde, sendo 5 como auxiliar odontológico e 3 como técnica de enfermagem. As outras participantes trabalham como auxiliar de limpeza (n=4) ou não desempenham atividades ocupacionais externas ao lar (n=3). A convivência com as mães é diária para a maioria das participantes (n=8), semanal (n= 4), mensal (n= 2) e anua(n=1). Além disso, seis dessas participantes também são mães.

Tabela 1 - Descrição das participantes

Nome fictício	Idade	Tempo de diagnóstico fibromialgia	Estado civil	Convivência Com mãe atual	Atividade ocupacional externa ao lar	Tem filho?
Jacarandá	30	1 a 3 anos	Solteira	Diariamente	Sim	Não
Sibipiruna	35	5 a 10 anos	Casada	Semanalmente	Sim	Sim
Manacá da Serra	22	1 a 3 anos	Solteira	Diariamente	Não	Não
Chuva de Ouro	30	1 a 3 anos	Solteira	Diariamente	Sim	Não
Ipê-branco	32	3 a 5 anos	Solteira	Semanalmente	Sim	Não
Babosa Branca	57	5 a 10 anos	Casada	Anualmente	Sim	Sim
Ipê -amarelo	25	1 a 3 anos	Divorciada	Diariamente	Sim	Sim
Aroeira-vermelha	54	Mais de 10 anos	Solteira	Diariamente	Sim	Não
Cambucá	35	3 a 5 anos	Casada	Semanalmente	Sim	Não
Canela-louro	33	1 a 3 anos	Casada	Diariamente	Sim	Não
Guariroba-árvore	34	1 a 3 anos	Casada	Mensalmente	Não	Não
Açoita-cavalo miúdo	19	1 ano a 3 anos	Solteira	Semanalmente	Não	Não
Sepuva	37	3 a 5 anos	Divorciada	Mensalmente	Sim	Sim
Jacarandá Paulista	56	Mais de 10 anos	Casada	Diariamente	Sim	Sim
Grumixama	52	3 a 5 anos	Casada	Diariamente	Sim	Sim

DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS

A entrevista foi iniciada a partir da investigação sociodemográfica (e.g.: idade, estado civil) e clinica das participantes (e.g.: tempo de diagnóstico da Fibromialgia), seguido da entrevista em profundidade.

A entrevista em profundidade é uma técnica da pesquisa qualitativa que promove a busca dos significados atribuídos à experiência humana. Para Moré (2015), o diálogo proposto nesse tipo de entrevista, como um instrumento de coleta de dados, constitui-se num "espaço relacional privilegiado", onde o pesquisador busca o protagonismo do participante. Será nesse espaço, criado e proposto pelo investigador, que o participante expressará livremente suas opiniões, vivências e emoções que constituem suas experiências de vida, cabendo ao pesquisador o controle do fluxo da mesma.

Para a coleta de dados do presente estudo, seguindo este modelo de entrevista foram apresentadas 20 perguntas abertas que investigaram as características do relacionamento da participante com sua figura materna. O roteiro foi composto por questões que abordaram cinco eixos temáticos: 1) Dados de existência da relação materna; 2) Percepção do relacionamento materno na infância; 3) Identificação de percepções de negligência materna; 4) Consequências do relacionamento; 5) Percepção do relacionamento materno atualmente.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS E DE COLETA DE DADOS

Cuidados éticos: Esta pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP/UCDB (Parecer nº 5.689.611). Os participantes foram esclarecidos dos procedimentos de coleta de dados, da voluntariedade na participação, dos riscos e benefícios, e da preservação da sua identidade. As participantes também foram questionadas se autorizariam a gravação da entrevista em áudio. Aquelas que concordaram assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (ANEXO 1) e procedeu-se a coleta de dados.

O procedimento de coleta de dados utilizado foi o método *Snowball* (bola de neve) que, de acordo com Baldin e Munhoz (2011), é uma forma de amostragem não probabilística, que utiliza uma rede de referência para o recrutamento dos participantes, onde os participantes iniciais indicam novos participantes.

A primeira participante foi contatada através da indicação de uma pessoa com

fibromialgia, conhecida da pesquisadora. Esta participante, por sua vez, indicou outras mulheres que pudessem fazer parte da pesquisa. Cada nova participante era contatada e convidada a participar da investigação ao término da coleta com a participante anterior. Mediante o aceite em participar, era agendada uma entrevista presencial e individual.

Dentre 17 pessoas contactadas, duas delas se recusaram a participar da entrevista justificando indisponibilidade de tempo. A pesquisa reuniu dados de 15 participantes, os quais foram gravados em áudio e transcritos.

Por um cuidado ético, devido a sensibilidade das perguntas na entrevista, a pesquisadora entrou em contato posteriormente com cada participante e questionou a respeito de como foi participar da entrevista e como estavam se sentindo. Caso fossem identificadas demandas que necessitassem encaminhamento para atendimento psicológico, as participantes eram encaminhadas para um outro projeto da UCDB, que previa atendimento psicológico gratuito as mulheres com fibromialgia.

ANALISE DOS DADOS

As emoções mais relatadas pelas participantes vivenciadas na relação com sua figura materna foram categorizadas em classes elaboradas previamente a partir de sentimentos que poderiam embasar a estrutura da relação entre mãe e filha, e fundamentadas da literatura na abordagem psicanalítica (Klein,1996; Simões,2019; Souza,2014). As categorias foram: culpa; raiva; identificação; idealização; e negligência. Tais categorias foram conceituadas para auxiliar na compreensão dos relatos das participantes. O agrupamento dos relatos nestas categorias foi realizado por duas avaliadoras, mestrandas em Psicologia com conhecimento na abordagem psicanalítica, de maneira independente. Houveram poucas divergências em relação ao agrupamento dos relatos, as quais foram discutidas e ambas as avaliadoras concordaram com a disposição final dos relatos nas categorias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo investiga como as mulheres com fibromialgia percebem as relações com as suas figuras maternas**.** Verificou-se que os relatos versaram sobre as categorias culpa; raiva; identificação e idealização; e negligência. Dentre as 15 participantes, 11 delas apresentaram relatos agrupados na categoria ‘raiva’; 13 participantes apresentaram relatos agrupados na categoria ‘idealização e identificação’ e

para 14 participantes os relatos foram agrupados na categoria ‘negligência’. Os relatos agrupados na categoria ‘culpa’ foram identificados para todas as participantes.

A Tabela 2 apresenta os nomes das participantes e as categorias contempladas (identificadas com “x”), para cada uma das participantes. Nas descrições abaixo são conceituadas cada uma das categorias à luz da psicanálise e apresentados alguns exemplos dos relatos das participantes.

Tabela 2 - Categorias de vivências relacionadas com a figura materna

Nomes fictícios	Culpa	Raiva	Identificação e Idealização	Negligência
Jacarandá	x		x	x
Sibipiruna	x	x	x	x
Manacá da Serra	x	x	x	x
Chuva de Ouro	x	x		x
Ipê-branco	x	x	x	x
Babosa Branca	x		x	x
Ipê -amarelo	x	x	x	x
Aroeira-	x		x	
Cambucá	x	x	x	x
Canela-louro	x	x	x	x
Guariroba-árvore	x	x		x
Açoita-cava	x	x	x	x
Sepuva	x	x	x	x
Jacarandá Paulista	x		x	x
Grumixama	x	x	x	x

CULPA

Freud trouxe a questão do sentimento de culpa com grande propriedade, ressaltando-o como grande problema do desenvolvimento da civilização e propriedade do inconsciente que se vincula com a angústia. A culpa parece fazer parte da estrutura do desejo humano. Ela se manifesta de múltiplas formas, que vão do remorso à neurose (Gonçalves, 2019).

Gonçalves (2019) descreve que, para Freud, o sentimento de culpa está relacionado ao ato de praticar algo reconhecido como “mal”, mas, ele mesmo, reconhece a complexidade disso porque podemos fazer o seguinte questionamento: o que é o mal e como o reconhecer? Além do que o mal pode ser até prazeroso, e o fato de algo ser mal não o torna necessariamente indesejado, inclusive a possibilidade de elaboração do que é

bem ou mal pode trazer ao indivíduo o medo da perda do amor e da proteção, sendo assim a perda do amor e da proteção é um mal e deve ser evitada "O sentimento de culpa é, claramente, apenas um medo da perda de amor, uma ansiedade social" (Freud, 2010, p. 128).

A culpa é um elemento que fundamenta a relação mãe e filha, estando sempre presente na relação. O ódio pode ser utilizado como recurso na tentativa do afastamento, mas nesse caso o conflito psíquico se torna mais pesado, porque essa relação um dia foi inseparável. Na conflitiva edípica, a menina rivaliza com a mãe, talvez a hostilidade seja o respingo da dor que traz a perda daquele momento inicial à ilusão da onipotência do amor. Esse laço não passaria ileso nem a sentimentos de culpas, que podem promover restaurações diante das devastações do vínculo, nem de culpas que nutram ansiedades, medos e angústias, diante da possibilidade de separação. (Simões, 2019).

Para Klein (1981), a hostilidade que a menina sente pela mãe coexiste com o medo de ser morta por ela, sendo que esse medo é fruto de projeções de seus próprios impulsos agressivos em relação à figura materna. Para a autora são esses os medos que possuem raízes primitivas dos sentimentos de angústia e culpa, vindo dos conflitos edípicos ambivalentes, que, a depender da intensidade da culpa, podem modificar a trajetória desses impulsos.

Na culpa ocorre a ação do supereu que, alimentado pela pulsão de morte, mantem e nutri a culpa sentida pelo eu, atormentando-o e punindo-o, trazendo um movimento ao indivíduo de crítica interna que busca uma resposta e, sendo a resposta do eu ao supereu, o sentimento de culpa se apresenta como autodestrutivo. Ferreira (2009, p. 44) aponta que é "Desse modo, o sentimento de culpa, para se constituir e se manter,precisa de três pilares: ambivalência no complexo de Édipo, constituição do Super-eu e pulsão de morte".

Os movimentos de paralisação diante da concretização de desejos, as somatizações, medos, dependência, etc., podem ser manifestações de expressões autodestrutivas e autopunitivas, que funcionam a serviço da culpa.

Nos relatos das participantes onde a culpa foi encontrada, podemos perceber essas questões mais claramente. Quando a participante Jacarandá relata: *"eu me sinto mal por ser dependente dela por causa da fibromialgia,ela que me leva nos médicos,tratamentos, etc"* - demonstra o sentimento de culpa por sentir-se dependente da mãe, ao passo que a participante também pode sentir culpa pelo prazer em ser dependente, pois, dessa forma, consegue o olhar e cuidado de sua mãe. Muitas vezes a culpa pode ser um dos nós que

une essa relação.

A participante Sibipiruna diz:*"Eu sempre me culpei, como eu sempre fui a mais novinha ,por não ter condições financeiras para suprir as necessidades da minha mãe, culpa eu tenho em relação a não ter dado uma melhor condição de vida a ela"* - a participante parece sentir culpa e carregar o peso de ser a filha mais nova e, portanto, ter a percepção de que deveria ter a responsabilidade de dar uma melhor condição de vida à mãe.

Mas, afinal, de que culpa Sibipiruna está falando? Seria ela, nesse contexto, devedora de sua mãe, pois, por ser filha adotiva, um dia sua mãe lhe deu melhores condições de vida e agora ela deve lhe pagar da mesma forma? Ou, quando diz, *"por não ter condições financeiras para suprir as necessidades de minha mãe"*, ela está falando da culpa em sentir que não possui valor suficiente para esta mãe ou a biológica? Na frase que ela inicia com *"Eu sempre me culpei"*, parece que ela está aprisionada há muito tempo nessa culpa. De acordo com Simões (2019, p. 66) "o sentimento de culpa permanece mudo, alimentando a ideia de punição. O indivíduo torna-se vigia de si mesmo, cumprindo uma sentença aprisionante, que o impede de sair desse ciclo visioso.

A exemplo da permanência da culpa, a participante Manacá da Serra relata:*"Acho que se eu não tivesse existido, sei lá, ela podia ter terminado os estudos e ter uma vida melhor"* – a participante parece culpada por sentir ter interrompido a vida da mãe.

A participante Chuva de Ouro relata algo parecido: "*Acho que ela poderia ter tido uma vida melhor se ela não tivesse filho".* A participante Ipê-branco diz:

> "*Sinto culpa por saber que quando pequena eu não gostava dela,era difícil ter um convívio com ela porque quando eu tinha 13 anos , meus pais tinham acabado de se divorciar, eu estava numa fase complicada, só queria sair,conhecer os meninos, eu comecei a dar muito trabalho e nessa época ela estava fazendo o ensino médio e ela havia passado na faculdade para fazer fisioterapia e desistiu porque preferiu parar a vida dela para cuidar de mim.Eu levo essa culpa porque hoje em dia ela poderia estar muito melhor do que está agora, só que ela não fez porque preferiu parar para cuidar de mim e eu nem fui uma filha tão boa assim".*

A culpa em ser um peso para a mãe e ter atrapalhado sua vida de alguma forma aparece em quase todos os relatos das participantes. Elas parecem dizer sobre um sentimento de culpa que as acompanham por terem, em algum momento, simplesmente nascido, roubado algo da vida de suas mães. Vale trazer os ensinamentos de Simões

(2019, p.81) ao expor que “A culpa persecutória não estabelece uma relação consciente e consequentemente, nessa posição, o objeto não pode ser reparado e a culpa permanece no interior do indivíduo, perseguindo e punindo”.

Para Winnicott (1983), a mãe possui um papel que permite a ambivalência entre mãe e filha serem favoráveis. Se ela se mantém disponível, física e emocionalmente, demonstra para a filha que pode sobreviver a seus ataques. Sentindo a filha que esse objeto pode se manter presente, as ansiedades podem ser toleradas e a culpa pode ser transformada em preocupação e reparação, mas, caso essa vivência não seja suficientemente boa, a culpa pode permanecer latente, manifestando-se de outras formas, como um estado deprimido ou a necessidade de castigo.

Para Freud (2009), o sentimento de culpa inconsciente está ligado à necessidade de castigo e o desejo de fracassar, permanecendo o sentimento de culpa mudo e a ideia de punição nas pessoas que prevalece a necessidade da doença.

Partindo deste princípio, podemos pensar que a fibromialgia pode estar à serviço de substituir os sentimentos de culpa , que, embora um meio doloroso, faz a função de autopunição na vida dessas filhas.

RAIVA

De acordo com Klein (1981) a menina, ao longo de sua vida, é acompanhada por fantasias e desejos que permeiam a rivalidade, agressividade, o ódio e a inveja da mãe e de suas propriedades como mulher. As ambivalências se intensificam conforme o conflito edipiano vai sendo elaborado e ela então carrega o conflito entre amor e ódio pela mãe.

Para Freud (1980), o afastamento na relação entre mãe e filha nunca será definitivo, as questões ambivalentes permanecem ao longo da vida de ambas, talvez nunca sendo superadas ao longo do desenvolvimento, sendo necessária para que ocorra a diferenciação psíquica entre mãe e filha a passagem de uma intensa paixão à hostilidade. O ódio talvez seja um recurso necessário para que isso possa ocorrer.

O afastamento da figura materna é uma maneira que a menina pode encontrar para conseguir escapar do selo narcísico que pode estar presa, podendo assim olhar para si mesma, nesse sentido a hostilidade à mãe pode ser libertadora para que ela consiga simbolizar e pensar como um ser individual, diferente. A participante Babosa Branca relata: *“atualmente nossa relação é, da minha parte, cheia de mágoas e raiva, muita raiva”.* Mas enfrentar essas questões pode ser palco de grandes conflitos que envolvem a

sensação de desestruturação caso ocorra uma separação.

A participante Ipê-amarelo diz: *“ Apesar de uma péssima mãe ela é uma puta profissional e uma pessoa incrível”* – parece que a participante sente profunda ambivalência entre depreciar a função da mãe como péssima, mas enaltecer e provavelmente idealizar outra parte dizendo que é uma puta profissional e uma pessoa incrível.

Pensando que a raiva e/ ou a culpa precisam ter vias de saída, muitas vezes o superego não permite que a culpa por ter esses sentimentos hostis sejam direcionados à figura a qual pertence, sendo esta agressividade retornada ao próprio corpo e psiquismo.

> No confronto ambivalente, o superego torna-se responsável por suprimir toda agressividade que não pode ser direcionada. Toda hostilidade reprimida retorna a si mesmo, através de um superego tirânico e autoritário que vigia e julga os sujeitos, a culpa seria consequência desses julgamentos internos. Uma das formas de encontrar alívio, caso a culpa permaneça silenciada e o sujeito não consiga usar recursos reparadores, são as punições e a necessidade de ser castigado de alguma forma (Simões, 2019, p. 65).

IDENTIFICAÇÃO E IDEALIZAÇÃO

Para Freud (2013), a identificação é tida pela psicanálise como a expressão mais primitiva e original de um elo emocional com outra pessoa, sendo desde o início ambivalente, pois pode ser sentida como expressão de ternura ou como desejo de eliminação. Identificar-se com alguém significa tomar para si características e traços que são de outra pessoa, que muitas vezes pode ser copiada da pessoa amada e outras vezes da pessoa não amada.

> Supondo que a garota pequena, na qual nos deteremos agora, desenvolva o mesmo sintoma de sofrimento que sua mãe, a mesma tosse atormentadora, por exemplo. Isso pode suceder por caminhos diversos. Ou a identificação é a mesma do complexo de Édipo, que significa um desejo hostil de tomar o lugar da mãe, e o sintoma expressa o amor objetal ao pai; ela realiza a substituição da mãe sob a influência da consciência da culpa: “Você quis ser a mãe, e agora o é pelo menos no sofrimento”. Este então é o mecanismo completo da formação neurótica de sintomas. Ou, por outro lado, o sintoma é o mesmo da pessoa amada (como Dora no “Fragmento de análise de um caso de histeria”, que imita a tosse do pai); então só podemos descrever a situação dizendo que a identificação tomou o lugar da escolha de objeto, e a escolha de objeto regrediu à identificação (Freud, 2013, p.48).

A participante Sibipiruna relata: *“eu me vejo nela”.* A participante Ipê-branco relata:*“ eu tento ser igual a ela, eu quero ser igual a ela, não desistir não importa o que*

aconteça". A participante Canela-louro diz:*" desejo ser parecida na parte de ser determinada".* Nesses relatos é possivel perceber a identificação com a mãe, o desejo de tomar para si características que ela percebe na mãe.

O termo de identificação projetiva foi criado por Melanie Klein em 1946, onde ela traz o fenômeno denominado posição esquizoparanóide, que seria quando o bebê, nosseus primeiros anos de vida, projeta seu amor e ódio sobre o mundo que o cerca e vai internalizando objetos cindidos, representados pela figura materna, no que denominou de mãe boa e mãe má. Klein relata que as fantasias agressivas do bebe direcionadas ao corpo da mãe e ao seu próprio corpo são sentidos como uma extensão do seio materno (Cavallari; Moscheta, 2007).

Na identificação advinda de uma relação objetal agressiva, o ódio que o bebê sente contra suas próprias partes más do eu (*self*) serão direcionadas à mãe, com o objetivo de danificá-la, controlá-la e possuí-la. Pelo fato da mãe conter partes más do eu ela não é sentida como um individuo separado, mas sim como um eu (self) mau. Neste caso, a mãe vira para o bebê um objeto perseguidor.

Quando nesse processo ocorre uma excessiva cisão e expulsão das partes do eu, o individuo pode se sentir enfraquecido, tendo tanto suas partes más, mas também suas partes boas, sendo expelidas. Ele fica vazio de si mesmo. É essencial para o desenvolvimento saudável de relações objetais e para a integração do ego que ocorra a projeção de sentimentos bons e de partes boas da personalidade, mas se esse processo ocorrer de maneira excessiva, as boas partes da personalidade são sentidas como se fossem perdidas, a mãe se torna neste caso o ideal do eu, e como resultado o próprio ego fica empobrecido e enfraquecido, como se a força estivesse na mãe, tendo o indivíduo a sensação de ser fraco.

A parte projetada cindida, destrutiva e odiada do eu pode ser sentida como um perigo para o objeto amado, vimos isso no relato de Ipê-branco, quando diz -*"eu tentaria não discutir com ela porque eu acabo soltando uma agressividade que está dentro de mim presa e acabo machucando ela também".*

De acordo com Laplache e Pontallis (1996), muitas vezes o processo de idealização, que é o processo psíquico pelo qual as qualidades do objeto são levados á perfeição, ocorre no processo de identificação com o objeto, mas para Klein a idealização do objeto seria essencialmente uma defesa contra as pulsões destrutivas. A participante Sibipiruna diz *:*

"independente de qualquer coisa que já aconteceu, de eu me sentir ou não me

sentir amada, querida, pra mim ela é um exemplo de vida tanto como mulher e em tudo. Eu tenho muito orgulho dela".

Idealizar uma mãe como sendo um exemplo em tudo pode ser uma saída para não entrar em contato com pulsões destrutivas diante de sentimentos de não se sentir amada por essa mãe.

A menina idealiza a mãe para não ter que entrar em contato com os sentimentos hostis que sente pela mesma, como raiva, mas a raiva retorna para o corpo.

> Quando percebemos em nós mesmos impulsos de ódio contra alguém que amamos, ficamos preocupados ou culpados. Nossa tendência é deixar esses sentimentos de culpa em segundo plano, por causa da dor que eles trazem, não queremos olhar ou enfrentar. Entretanto, eles se manifestam de várias formas disfarçadas e são fonte de perturbação nas nossas relações pessoais (Klein, 1996, p. 350).

De acordo com Klein (1996), a capacidade de uma relação saudável passa por conseguir se colocar no lugar dos outros, e isso exige de nós que nos "identificamos" com eles. Quando a identificação ocorre com a mãe boa, a capacidade de poder reparar os danos sofridos dessa relação pode ser mais saudável, e a maneira que a mulher direciona para si mesma 'autoamor' e autocuidado passam por recursos mais elaborados e, digamos, acessíveis, ou seja, essa menina/mulher pode se tratar com o mesmo cuidado, amor e proteção que sentiu dessa mãe.

O oposto também ocorre, se a identificação é com uma mãe hostil, crítica, agressiva, abusiva, etc., possivelmente ela desempenhará essas mesmas funções consigo mesma e a possibilidade de reparar essa relação também fica prejudicada. Vimos isso no relato de Babosa-branca *"Devido a todos esses acontecimentos eu sempre fui muito distante da minha mãe, eu me sinto culpada em não ter tido coragem, até hoje, de tentar resolver isso entre nós, mas quando eu chego perto dela eu sinto muita raiva, não consigo perdoa*r"- é possível perceber através desse relato o que ocorre quando não é possível reparar a relação, e a culpa que a filha sente por isso.

NEGLIGÊNCIA

A negligência pode ter caráter físico e emocional, desde questões de descuido com saúde, alimentação, educação, afeto, respeito até questões como agressões físicas e psicológicas, abandono, abusos. A negligência acontece quando as relações de cuidado são inexistentes ou inadequadas. A perda dos cuidados maternos pode ocorrer mesmo quando não houve uma separação real, mas perda do amor, oscilação ou rejeição

(Bowlby, 1988; Spitz, 1988, apud Albornoz e Nunes, 2004).

A literatura psicanalítica reconhece que a personalidade saudável decorre de um desenvolvimento suficientemente bom nos primeiros anos de vida. É importante ressaltar que a criança que experencia a negligência materna, seja ela física ou emocional, pode crescer com uma profunda ferida de sensação de desamparo, solidão, medo, raiva, culpa, etc.

A participante Chuva de ouro diz *"eu era bem atentada, então constantemente estava apanhando ou ela me xingando".* A participante Manacá da serra relata "*ela ja me xingou muito, algumas agressões físicas também".* A participante Ipê -branco sobre se sentir abandonada *" Sim, ela acabava trabalhando muito e enquanto foi casada com meu pai, ele era o centro das atenções dela, quando não era meu pai, eram minhas irmãs, por serem menores ela priorizava cuidar delas e eu tive que ser muito independente".*

A participante Guariroba-árvore *"eu fazia xixi na cama e ela me batia muito e me afogava no colchão para eu aprender a não fazer mais xixi na cama".* A participante Açoita-cavalo miúdo *"Minha mãe de vez em quando me batia com a toalha molhada".* A participante Sepuva *"ela me abandonou, ela me criou e na minha adolescência ela realmente me abandonou, foi embora"*

Ao considerar a vivência abusiva, percebe-se que ela é decorrente de uma falha na função materna de "tela protetora", que consegue proteger do que é excessivo, gerando-lhes imensa dor. Esse processo de invasão, que representa um roubo do mundo interno, deixa um espaço vazio na mente que será armazenado na memória sem a devida compreensão e poderá desencadear sentimentos de indiferença, vazio, raiva, depressão ou paranóia. Esse sentimento de estranheza ocasiona uma perda da percepção de sua própria pessoa, uma perda de sua história, que remete à perda de uma parte do *self* (Bollas, 1992).

A privação afetiva ocorrida pode gerar diversas consequências, como a perda de referências identificatórias causando possíveis conflitos internos e externos, citado por Gomide (2009, p. 73), como, por exemplo,

> "a negligência impede o desenvolvimento da autoestima, que é o principal antídoto ao aparecimento do comportamento antissocial. A criançanegligenciada é insegura, seu olhar não tem brilho. Por não ter recebido o afeto que alimentaria seu ser".

Quando a menina experencia a negligência por sua mãe, como por exemplo o

abandono, ocorre uma decepção, o objeto é perdido e a dor psíquica decorrente da perda pode colocar em risco toda a capacidade de um indivíduo para estabelecer vínculos (Dantas, 1999). A participante Canela-louro relata:*"na infância ela era muito ausente, saia cedo para trabalhar e só voltava a noite, então eu ficava muito sozinha,na rua, nas casas dos outros, na adolescência ela foi extremamente negligente quando contei um abuso sexual que estava vivendo dentro de casa e ela não fez nada".*

A dor provocada por uma decepção sofrida num momento de desamparo produz um sofrimento profundo. Pessoas para quem os objetos primários falharam em oferecer condições suficientemente boas para o seu desenvolvimento nos primórdios da vida psíquica permanecerão afogadas no desespero pela vida toda. Nessa categoria estão incluídos os abusos, que sempre deixam marcas, são excessivos ao ego e danosos à personalidade(França, 1999).

O ambiente saudável para a criança é aquele onde existam estímulos positivos vindos doscuidadores que favorecem seu amadurecimento e crescimento. Considerando a primeira infânciacomo uma fase decisiva no processo de desenvolvimento do ser humano, a mãe é responsável pela estruturação psíquica da criança nos seus primeiros anos de vida, e através da relação que estabelece com o filho, proporcionado cuidados e proteção ao longo do seu crescimento favorecendo seu desenvolvimento saudável (Benhaim, 2008).

CONCLUSÃO

A relação entre mãe e filha são permeadas de ambivalências, onde conflitos entre amor e ódio são sempre protagonistas.

Através das falas das participantes pode-se perceber que as ambivalências de sentimentos são presentes na relação com suas figuras maternas. O sentimento de culpa aparece em todos os relatos, já a raiva, vivências de negligência, agressão física ou verbal, idealização e identificação se fazem presentes em sua maioria, clarificando o quanto essas relações se apresentam conflituosas, permeadas de sentimentos de desamparo, promovendo a essas filhas sentimentos que podem trazer sofrimento e, ao mesmo tempo, a dependência desta relação.

Através dos relatos foi possível perceber o quanto fazer o processo de individuação da figura materna se torna algo muito difícil para essas mulheres, que se tornam entrelaçadas a essa figura materna, parecendo ser o processo de separação algo muito doloroso e culposo.

Separar-se da mãe pode trazer muitas dificuldades, fantasias e medos, muitas vezes não sendo um caminho possível na dinâmica estabelecida entre mãe e filha. O caminho da separação pode ser um martírio, e o preço a se pagar pode ser alto demais para a filha.

REFERÊNCIAS

Albornoz, A. C. G., & Nunes, M. L. T. (2004). A dor e a constituição psíquica. *Psico-USF*, *9*, 211-218.

Baldin, N., & Munhoz, E. M. B. (2011). Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: *X Congresso Nacional de Educação– EDUCRE/I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação- SIRSSE* (7ª ed). Curitiba, 329 -341.

Benhaim, Michèle. O materno e a delinquência. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro , v. 11, n. 1, p. 9-16, junho, 2008. Disponível em: < https://doi.org/10.1590/S1516-14982008000100001>. Acesso em: 26 de agosto de 2022.

Bollas, C. (1992). A sombra do objeto. São Paulo: Escuta.

Cavallari, Maria de Lourdes Rossetto, & Moscheta, Murilo dos Santos. (2007). Reflexões a respeito da identificação projetiva na grupoterapia psicanalítica. *Revista da SPAGESP*, *8*(1), 00. Recuperado em 18 de outubro de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702007000100006&lng=pt&tlng=pt.

Chevalier, Jean G. A. (2016) *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: José Olympio.

Coutinho, F. (1997). O ambiente facilitador: a mãe suficientemente boa. In: Podkameni, A. B., & Guimarães, M. A. C. (1997). *Winnicott, 100 anos de um analista criativo. Rio de Janeiro: NAU.*

Ferreira, J. (2009). *Implicações clínicas da metapsicologia da culpa para a compreensão da neurose obsessiva e da melancolia* (Doctoral dissertation, Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas).

Fillipon, A. C. N. (2008). *A influência do trauma infantil em mulheres.* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Digitial LUME. http://hdl.handle.net/10183/14036

Freud, S. Luto e melancolia (2009). In: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras. Vol. XII.

Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. *In* P. C. de Souza (Trad.), *Obras completas*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010. Vol. XVIII.

Freud, S. (2013). *Psicologia das massas e análise do eu*. L&PM Pocket.

Freud. S. (1980). Feminilidade: In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro. Imago. Vol. XXII.

Gonçalves, Davidson Sepini. (2019). O sentimento de culpa em Freud: entre a angústia e o desejo. *Psicologia em Revista*, *25*(1), 278-291. https://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n1p278-291

Goldenberg, M. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

Gomide, Paula Inez Cunha. *Pais presentes, pais ausentes: regras e limites*. 9. ed. Rio de Janeiro:Vozes, 2009.

Klein, Melaine. (1981) Efeitos das primeiras situações de angústia sobre o desenvolvimento sexual da menina. In: *Psicanálise da criança*. Rio de janeiro. Editora: Mestre Jou.

Klein, Melanie. (1996) Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. In: *Obras Completas de Melanie Klein*. Vol. I, Rio de Janeiro: Imago.

Laplache & Pontallis (1996). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.

Moré, C. L .O. O (2015). A "entrevista em profundidade" ou "semiestruturada" no contexto da saúde.*3. Investigação qualitativa em ciências sociais*. 126-131. Recuperado de https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/158/154

Neves, J. L. (1996). Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. *Caderno de pesquisas em administração*, São Paulo, 1(3), 1-5.

Simões, L. (2019). *Condenadas por si mesmas: o sentimento de culpa na relação mãe e filha*. (Dissertação de Doutorado). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Brasil.

Souza, J. (2014). A relação mãe-filha e seus efeitos de devastação. *Ciências da saúde. 1*(7), 2048 -2055. Recuperado de https://rephip.unr.edu.ar/bitstream/handle/2133/3747/89-474-1-PB.pdf?sequence=4&isAllowed=y

Turato, E. R. *Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa.Petrópolis*, Rio de Janeiro, ed. Vozes.

Winnicott, D.W. (1983). O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In: *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* . Porto Alegre. Artes Médicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS GERAIS

Quantos sentimentos cabem na relação entre mãe e filha, desde o intenso amor, cumplicidade, identificação, até o ódio, agressividade, hostilidade. A relação possui em sua essência a ambivalência dos sentimentos.

A história particular que cada menina escreve com sua mãe costuma desenhar a maneira como ela irá lidar com suas emoções. Assim, se a vivência foi de uma relação onde a mãe pode lhe oferecer afeto e proteção, ela possivelmente poderá acolher suas futuras angústias com afeto e auto proteção. Mas, se a vivência foi de uma relação onde esse afeto e proteção foram faltantes, ela poderá ter dificuldades em lidar com suas angústias e medos. A mãe, que outrora foi internalizada, irá acompanhar essa menina/mulher por toda a sua vida, direcionando muitas vezes a maneira como ela irá lidar consigo mesma.

A falha no acolhimento inicial da vida por parte da mãe pode resultar num adulto que possua dificuldade em "olhar" para si mesmo,uma vez que esse primeiro olhar lhe faltou, tendo dificuldade em ter consciência do seu corpo e seus limites, limitando sua capacidade de "existir" no mundo, podendo ser o corpo palco de diversos significados e dores que o indivíduo carrega dentro de si sem ao menos dar-se conta disso.

As mulheres que possuem fibromialgia queixam-se de dores em seu corpo que muitas vezes são "invisíveis" aos olhos dos outros. Sua dor, muitas vezes, não pode ser vista ou tocada.

O corpo, que em um momento pode ser o palco para a atuação das dores e seus significados, também pode ser o espectador, a espera de um desfecho feliz. A filha deseja uma mãe que possa lhe dar tudo que precisa e que também aceite e acolha tudo o que ela queira lhe dar, deseja poder amar e enxergar o amor através do olhar materno, deseja ser vista em sua essência e ser aceita por isso. Abrir mão de tanto amor, expectativa e desejo é quase impossível, mesmo que o relacionamento seja em alguns aspectos abusivos, o desejo pelo vínculo permanece, nem que para isso o vínculo seja alimentado por raiva e dor.

ANEXO

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)[1]

1. TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA: Relação materna em mulheres com fibromialgia

2. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO E CONTATO DOS (AS) PESQUISADORES (AS):

Dayse Dayane da Silva Vargas e-mail: psi.daysevargas@gmail.com Luzianede Fátima Kirchner e-mail: luzianefk@ucdb.br

3. OBJETIVOS DA PESQUISA: identificar os relatos da relação com a mãe, em mulheres com fibromialgia, e como a mesma percebe essa relação.

4. JUSTIFICATIVA DA PESQUISA (SÍNTESE): Entender a história de pessoas com fibromialgia poderá ajudar a identificar aspectos que apontam a relação com a síndrome.

5. DETALHAMENTO DO MÉTODO: você está sendo convidada a participar de uma pesquisa, com duração aproximada de 30 minutos, cujo procedimento será responder a uma entrevista composta por 20 perguntas abertas. O questionário investiga alguns aspectos da relação materna(ex.: se foi criada pela mãe, se conviveu com ela, como é esta relação atualmente), e as emoções que essa relação desperta atualmente.

6.POSSÍVEIS DESCONFORTOS E RISCOS, E COMO ESTES SERÃO MINIMIZADOS: os desconfortos poderão decorrer de você recordar momentos da suahistória de vida. Se você não se sentir bem ao recordá-los, poderá ter como opção encerrarimediatamente a sua participação neste estudo, sem qualquer prejuízo.

7.POSSÍVEIS BENEFÍCIOS ESPERADOS: Sua adesão à pesquisa permitirá uma melhor compreensão dos aspectos que permeiam essarelação e contribuições para avanço de mais pesquisas sobre o tema, onde for necessário

Considerando as informações constantes dos itens acima e as normas expressas na Resolução nº 466/12 do **Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde** consinto, de modo livre e esclarecido, participar da presente pesquisa na condição de participante da pesquisa e/ou responsável por participante da pesquisa, sabendo que:

1. A participação em todos os momentos e fases da pesquisa é voluntária e não implica quaisquer tipos de despesa e/ou ressarcimento financeiro. Em havendo despesas operacionais, estas deverão estar previstas no Cronograma de Desembolso Financeiro e em nenhuma hipótese poderão recair sobre o participante da pesquisa e/ou seu responsável;
2. É garantida a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa,
3. É garantida a liberdade de retirada do consentimento e da participação no respectivo estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo, punição ou atitude preconceituosa, podendo participar de outras pesquisas futuras;

---

[1] **O modelo do TCLE é de responsabilidade do pesquisador e seu conteúdo deve atender as normativas da Resolução 466/12, com especial atenção ao item IV.**

4. É garantido o anonimato (Será utilizada a gravação de voz durante a entrevista, mantendo preservada a identidade dos participantes.Estes dados serão utilizados para análise dos dados da pesquisadora, e excluídos imediatamente após o uso.
5. Os dados coletados só serão utilizados para a pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em livros, ensaios e/ou artigos científicos em revistas especializadas e/ou em eventos científicos, sem qualquer identificação do participante;
6. O participante terá acesso ao resultado do estudo por meio de devolutiva do resultado pela pesquisadora;
7. A pesquisa aqui proposta foi aprovada pelo **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)**, da **Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)**, situado na Av. Tamandaré, 6000, Bairro Jardim Seminário, Campo Grande – MS (e-mail cep@ucdb.br; telefone para contato (67) 3312-3478); que a referenda e
8. O presente termo está assinado em duas vias e rubricado em todas as páginas numeradas.

Campo Grande-MS_____/_____/_____

_____
Nome e assinatura do (a) Participante da pesquisa ou responsável pelo participante

_____
Nome e assinatura do (a) pesquisador (a)

ANEXO 2

ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE – ARTIGO 1

Tenho muito pouco informações sobre como foi a gestação da minha mãe, o que eu sei foi que ela não tinha uma alimentação regrada, não se cuidava e que tentou fazer aborto, sabe? Então, praticamente eu já era uma pessoa indesejada já desde a gestação, eu tenho uma rejeição muito grande, eu não vou dizer que não dá medo porque dá, dá muito mesmo, porque isso ocasiona que a gente leva para a vida inteira, pra gente levar uma rejeição de famílias, de irmãos, primos, parentes, às vezes até na própria mãe, que foi o meu caso porque ela me rejeitou e eu acho que se dependesse dela, ela deixava eu morrer. Eu pego as coisas assim, conversas daqui e segredos dali, então muita coisa eu venho assim aos pouquinhos descobrindo e então ela não quer me ver nem, por assim dizer, nem por reza braba. Então ela me rejeita completamente, e o pior é que o recíproco é verdadeiro também da minha parte, eu não me sinto confortável com ela porque se eu tivesse que soltar os cachorros em cima dela, eu soltaria, eu não teria medo nenhum, se falassem "ah você matou ela?", mas e ela, o que que ela fez por mim? Teve algum amor, um carinho, alguma compaixão comigo que é bem difícil, não é? Então eu mesma não confio nela, nas atitudes dela, então, para mim, ela é uma estranha, e por mais que me falam "ah, mas é a sua mãe, você tem que rezar", é uma coisa que tem vínculo e está entalado aqui, será que ela é minha mãe biológica mesmo? Será que ela é essa mãe que que pode não amar os seus filhos ou me amar ou eu sou culpada por ter nascido? E ela se sente bem, mas como que eu fico por esse lado? E do outro tem a adotiva também, que cobra, joga na cara. Ela me adotou eu já estava com 2 anos de idade, mas devido tamanha precariedade, ela achou que eu tivesse um ano, de tão muidinha que eu era. Aí, quando minha mãe me adotou, eu já estava bem doente, com certeza com desnutrição e anemia crônica, tem até uma história um pouco engraçada e todo mundo ri, quando minha mãe me adotou, ela chegou em torno de umas 9 da noite, e naquela época tinha aqueles mercadinhos e estava fechado, já era tarde da noite também e quando a mãe biológica me deu para minha mãe adotiva, deu com uma roupa cheirando a quiboa, e uma mamadeira horrenda, toda manchada. Minha mãe foi e lavou, ferveu e colocou leite, e a minha avó quando viu falou como você vai dar uma mamadeira dessa suja e minha vó jogou a mamadeira falando gente, isso aqui não é não é consentido, não é cabível, daí minha mãe falou assim "mãe, está tudo fechado, amanhã eu vou ter que comprar, mas por enquanto,

vou fazer aqui na mamadeira. Ai, minha mãe pegou e foi me dar, e eu fiz a mesma coisa que a minha avó, peguei e joguei a mamadeira fora com leite dentro e tudo, e daí ela me deu um copinho. Até hoje minha mãe fala “mais como que você se lembra desse copinho?” Não sei, um copinho bonitinho, a letrinha era assim cortadinha no meio, aí ela me deu leite e nem precisou comprar mamadeira. Então eu falo assim para você ver, minha vó falava, a gente passa 9 meses e dá uma criança, então eu vejo que minha avó não abandonaria os filhos, por mais que passasse o pior perrengue, e eu concordo e essa minha mãe biológica, ela não tem aquele amor, eu não posso dizer que é minha mãe, porque eu não a considero, porque eu tenho muita coisa que quero esclarecer com ela, mas ela não quer me ver. E por quê? Por que que ela tem tanto medo de mim? O que eu fiz de errado, não é? Eu me sinto assim, me sinto prejudicada de ter uma mãe, mas eu vejo também que a família dela ,ela fala que todo mundo gosta de mim, mas eu estou aprendendo a ver que isso é um pouco de medo, porque filho adotivo eu acho que é igual qualquer filho, mais que o filho biológico,porque você pega amor, você sente assim dentro da família, mas você escutar que você é indesejado, você está incomodando, que você vai ocupar o espaço, é horrível escutar isso né? Meus primos fazem isso até hoje, justamente a pouco tempo uma sobrinha minha que fez faculdade,ainda de serviço social,me admira muito uma assistente social ser maldosa e ainda fala as coisas de mim, pessoasligadas chegam e me contam, então eu falo isso não é uma coisa que seja boa. Mas o queeu vejo, que ser filho adotivo tem suas vantagens, porque tem pessoas que te fazem queridas, te faz sentir bem, mas por outro lado tem seus prós e contras, então é uma balança. Você tem que estar o tempo todo tentando provar que você é bom. E é isso que eu que eu tento, só que eu estou cansando, provar para todo mundo que não é nada dissoe daquilo, porque você não precisa provar que você é bom, você está ali com a pessoa, você está cuidando da pessoa, não é chegar e cobrar as coisas daquela pessoa, agora, quando a pessoa é cobrada nossa, todo mundo fica dizendo que não pode, que você não tenho direito de fazer isso. Então eu vejo que é fácil eles cobrar de mim, mas quando eu cobro até a minha mãe vem dizer “Ah, mas são os meus sobrinhos que são bons”, mas ninguém está lá com ela, quem está lá com ela sou eu, então por um lado há uma certa incompatibilidade de aceitação “Ah, ela é filha de prostituta, ela corre atrás de homem é não sei o quê.” Praticamente minha vida foi assim. Se eu não fosse uma mulher normal, que gostasse de homem, se fosse o oposto, como que ela me trataria? É porque tem certascoisinhas que eu estou descobrindo agora, me incomoda muito e me assusta. Então, seráque tem alguma coisa de errado comigo? Será que eu não posso ter essas conversas com

minha mãe? Imagina, se é a mãe biológica já é destrambelhada, a mãe adotiva é bem conservadora. Então uma conversa dessas não funciona. Eu já passei muito perrengue por ser filha adotiva, já fui muito humilhada por causa disso. Quando eu escuto falar sobre uma criança que foi adotada e devolvida eu penso, será que ninguém está se preocupando com o que que ela está sentindo, o que que ela está passando? Às vezes está ali para chamar atenção, poxa, eu existo? Eu preciso. Ou pegam, não registram a criança, deixa a criança com sobrenome dos pais e nada que os pais adotivo morre e daí você não é nada da família, descartam como se fosse bicho. Então, eu levo o sobrenome da minha mãe adotiva, eu levo. Mas eu já vi que todo mundo diz "filha adotiva não tem direito a nada". Vejo todo mundo já está interessado em nas coisas que minha mãe conquistou, então, por eu ser filha adotiva, eu falo assim agora, eu não quero isso para mim, eu quero ter minha casa, vou trabalhar escondido, vou fazer minhas coisas escondido porque eu preciso ter um canto para que quando chegar minha mãe faltar, quando eles me expulsarem da casa dela, eu vou ter o meu lugar. Vou dizer "Olha, eu consegui. Vocês não precisam mais se preocupar" e mesmo que eles quisessem tirar, eles não teriam como. Poxa, gente, eu falo filho adotivo também sofre, como qualquer outra pessoa que a gente vê, eu falo ver quantas histórias assim que há, mas da onde você sabe, eu vejo, eu passei. Na escola eu apanhava porque minha mãe ia lá para saber de mim, aí chegava dentro da sala de aula, falavam "a mamãezinha dela já veio", meus primos mesmo "A A. vive na barra da saia da tia". Todo mundo se espantava que eu sumia ou fazia as coisas, que dizer, às vezes, os outros que fazem, eu levo a culpa de graça, daí ela fala "ah eu tenho certeza que foi você". Então a Senhora estava lá, a Senhora viu o que eu fiz, viu como eu contava? Então se a Senhora viu a Senhora tem a prova? E é difícil as aceitações, ás vezes eu tentei dialogar e ela vai lá no musezinho dela e diz que eu fiz isso e aquilo, que sou igual a minha mãe biológica. Tem uns 15 anos e até hoje eu não esqueço, me dói muito que ela me falou "Eu me arrependo de ter te adotado, se eu soubesse que você ia me dar tanto trabalho, não teria ficado com você, mas sim com tua irmã" (Choro). Depois disso eu descobri a fibromialgia, aí eu comecei ficar doente, comecei a sentir muitas dores, e minha mãe falava "você está pior que velho, você não me ajuda". Quando eu fazia as coisas em casa, até para levantar era difícil, sentia muita dor, muita dor, e minha mãe falava assim "Ah mas você não quer fazer nada, você está com preguiça", e mesmo as vezes com dor que eu fazia, eu ficava mais doente ainda, tentei suicídio porque você não aguenta as dores, a dor te proporciona mais sofrimento e ainda mais quando você é filha adotiva, que às vezes é complicado, a outra pessoa que te adotou entender a sua posição, é difícil, é uma barra

que às vezes eu penso Como que eu estou conseguindo aguentar? Porque se eu fosse aquele tipo de pessoa, mesmo sendo filho adotivo, já teria chutado o balde e largado ela, e deixando por conta dos outros cuidarem dela, mas não, eu tenho ainda um pouquinho de respeito e gratidão. E falam “você tem que cuidar, é a sua obrigação” Só que eu não, ou será que às vezes é minha obrigação de ficar com minha mãe, aguentar todos desaforos, me dói às vezes, mas é difícil eu falar do que não gostei, mas eu já falei várias vezes que não gosto de falar da mãe biológica, eu detesto, me sinto desconfortável, mas mesmo assim ela não respeita. E quando você não respeita a pessoa, quando você invade o espaço? Eu não podia ter diário, eu não posso até hoje comprar alguma coisa e ela pergunta “Por que que você comprou?” Se eu tenho dinheiro, eu posso comprar as coisinhas para mim, mas é difícil dela aceitar que eu estou criando uma certa independência. Sabe eu fico pensando no dia em que eu tiver minha casa, o que que ela não vai fazer, o que ela não vai falar. Eu já sei, ela vai dizer já que você tem uma casa, pode ir embora, você pode me deixar sozinha, não preciso mais de você. Mas só que quer queira, quer não, os sobrinhos dela não vão deixar. Vão dizer que tenho que cuidar dela. No ano passado eu perdi minha prima por covid, Só que eu estresse foi tão grande, que eu tenho ansiedade e síndrome do pânico, daí minhas outras primas tiraram minha mãe de mim, daí eu estava com um casal de primo e eles disseram que eu tinha que dar força para a minha mãe, e eu estava começando a ter a crise de ansiedade e eu falei vou dar até onde eu posso, eu não estou legal, eu não estou bem. Eu estou tentando fazer algumas coisas que dá, mas está difícil. E quem que vai me ajudar? Quem que vai me dar? Três dias depois me deu a crise de ansiedade, ainda bem que foi longe da minha mãe. Foi uma crise tão horrível que eu tive e ao mesmo tempo me senti frustrada porque eu não consegui controlar, porque eu tento controlar o máximo, mas aquele dia parece que foi forte e aquelas lembranças, tudo que eu que eu guardo, que eu fui guardar tanto, fui segurando veio á tona, para mim é difícil isso, porque ninguém pergunta como que eu me sinto e se pergunta é com ironia, fazendo palhaçada, achando que é bonito, mas não é. Eu aguento até hoje isso porque por um lado eu falo assim, eu vou fazer o que contar com a família biológica? Não vale a pena, tento manter o contato básico com meus irmãos, mas por causa dela que eu não consigo manter mais, ela quer que eu mantenha longe deles, e sendo que na hora do perrengue, quando era adolescente, ela foi atrás da manhã biológica, foi atrás dos meus irmãos, mas ela procurou uma ajuda errada, ao invés de procurar a ajuda de um psicólogo. Será que eu tão difícil saber que filho adotivo tem suas complicações, têm sua rebeldia e tem sua fase mais difícil da vida. Ainda mais quando sabe que é filho

adotivo, sabe que a mãe mora na cidade, sabe que está perto, sabe que vai procurar. Então isso que me doía muito e me dói até hoje, a falta de consideração, a falta de respeito, as atitudes que as pessoas tenham, então é difícil a pessoa te olhar e falar assim " há, mais será que ela se comporta bem? Será que ela não vai ficar correndo atrás de homem? Será que ela não vai fazer isso? Será que ela não vai assediar? Será que não vai fazer alguma coisa? "É difícil, minha mãe é o tempo todo assim e os outros também. Todo mundo te julgando, te condenando. Eu estou me afastando praticamente de todos, da família, de uma já praticamente me afastei por completo e dessa família está acontecendo a mesma coisa que eu estou me afastando deles. Sim, porque é engraçado que eu protejo os outros e quando chega alguém pra querer me proteger, eu não quero, eu não aceito a proteção porque às vezes pode querer me proteger para puxar meu tapete, se você me perguntar agora de 0 a 10 você confiaria na sua mãe? Dou zero, e bem grande, não confiaria em nenhuma das duas e nem na minha família.

Na infância nosso relacionamento era bem maneiro, bem gostoso. Tirando as viagens, essas coisas, era muito legal, mas quando já foi entrando a parte da adolescência foi ficando complicado. Acho que é porque a fase da adolescência é complicada pra todo mundo, mas mais a para a mulher que aflora a sexualidade, eu fui aprender as coisas dentro da escola sobre virgindade, assédio, certas brincadeirinhas que não pode. Minha mãe é machista mesmo, machista. Sim, muito machista, pensamento fechado.

Os sentimentos que eu mais sentia na infância era que eu gostava de ser paparicada, mimada pela vó, mas eu falo hoje eu vejo que foi mais a minha avó que mais me mimou, porque a minha mãe trabalhava, mas ela me protegia às vezes. Ela faleceu eu tinha 24 anos, minha doce velhinha. Todas as vezes que a gente, que adolescente, achou vezes pirraça. Mesmo jovem, mais. Minha vó era de dar sermão, mas minha mãe já é agressiva, ela gosta de bater,mesmo sendo adulta, tudo ela gosta de bater, ela quer que entenda na porrada e não é assim. Na infância eu apanhava quando aprontava ou quando colocavam a culpa nas minhas costas. Mas eu percebi com 26 anos, depois que minha avó faleceu, as primeiras dores da fibromialgia, eu comecei a estudar a noite, era fim de ano e eu fiquei na piscina, no outro dia parecia que tinha passado uma retroescavadeira em mim, doía tudo, e no outro dia eu tinha ortopedia. Eles disseram "você está com inflamação nos nervos". Ele só tratava como inflamação nos nervos, não como a fibromialgia, que era de fato. Quando a reumatologista descobriu o meu, já não era mais uma coisa assim que era começo, eu já carregava, já desde antes, ela falou, foi uma crise emocional, o estresse do lúpus também, que é uma doença de imunossupressão e junta tudo, foi AVC, então foi o

pacote. Tenho lúpus desde os 14 anos de idade, mas agora os remédios ás vezes não fazem mais efeito, e estou procurando alternativas, Quando eu estou muito, muito estressada, eu paro tudo, remédio, tudo errado, mas é que você cansa, é muita medicação.

Eu já percebi que minhas dores atacam quando brigo com minha mãe e ela começa a falar muito da mãe biológica, nossa se falar nela, aí o bicho pega, como ela joga muita coisa na minha cara, eu também já cobro ela, então, às vezes, quando chega ao extremo e ela quer me bater eu afronto ela, porque ela quer me bater, porque ela não quer escutar. Qual é o problema dela? Aprender a escutar as coisas? Aí eu tenho que fazer a menina culposa. Daí ela diz que eu era safada e que os professores diziam, eu falo então a Senhora não sabe, mãe? É fácil falar que a culpa é minha. Mas por que que eu era só culpada? Por que que eu apanhava dentro da escola? Ela nunca viu meu lado, ela pensa que sou igual minha mãe biológica e que ela tem que cortar isso, tem que podar isso. Eu não tenho direito de gostar de alguém, eu não posso me arrumar que ela pergunta quem é o macho. O último eu não podia levar em casa porque ela dizia que ia fazer ela passar vergonha porque ele era pedreiro, mas eu disse pra ela se fosse um estuprador você ia defender não é, eu sei que pego pesado, mas porque pegam pesado comigo. Eu só estou me defendendo, eu estou casada, ela fala você é muito bocuda, você fala as coisas. Eu sou filha adotiva, eu sei a mãe biológica que eu tenho, sei que ela se prostitui, eu não tenho nada que ver com isso. Ela diz você é filha de prostituta, se vira, mas quando é com ela, eu queria ver. O que que ela ia pensar, o que que ela ia sentir, como que seria, né não? É porque eu falo assim, eu estou aprendendo a não ser machista porque eu era As pessoas falam “essa sua blusinha chama atenção, um shortinho chama atenção” Gente, a mulher não provoca o homem, já a mente do homem, porque eu nunca fui estuprada, já fui moralizada, sim. Mas eu falo mulher quando é assim, poxa, como que ela é humilhada, ofendida, ás vezes até expulsa de casa só por causa de estupro e todo mundo critica, eu falo, eu não passei por isso, não quero passar, mas só porque eu sou filha de alguém que leva a vida fácil, sou obrigada a fazer igual. Agora, só que assim, eu sou bem capaz de falar, mãe, a questão não é eu gostar do homem. Porque eu queria conviver com uma mulher, o que será que ela pensaria? Porque eu tenho um sobrinho, que é gay, uma sobrinha que é lésbica. Mas a gente descobriu assim através de conversas entre minhas primas, o meu primo não falou nada para minha mãe que a filha dele é, ele achou que minha mãe ia criticar ela, mas imagina se fosse eu. Ela não é preconceituosa para os sobrinhos, mas eu não posso.

ANEXO 3

ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE - ARTIGO 2

1. Qual sua idade?

2. Qual seu estado civil?

( ) Solteiro(a)

( ) Casado ou em união estável

( ) Separado ou divorciado

( ) Viúvo(a)

3. Você tem o diagnóstico de Fibromialgia? Há quantos anos?

( ) não tenho este diagnostico fechado, embora tenha sintomas de dor

( ) Menos de 1 ano

( ) 1 a 3 anos

( ) 3 a 5 anos

( ) 5 a 10 anos

( ) Mais de 10 anos

Perguntas para a entrevista em profundidade:

Dados de existência da relação:

4. Você foi criada por sua mãe?

5. Atualmente a sua mãe é viva ou já falecida?

6. Você e sua mãe moram (ou moravam) na mesma cidade?

7. Você possui (ou possuía) contato com sua mãe? Se sim, com que frequência?

Percepção do relacionamento materno na infância

8.Como você definiria o relacionamento que teve com sua mãe na infância?

9. Você sentia que era amada, admirada e desejada por sua mãe? Se sim ou não, o que te dava essa impressão?

Identificação de percepções de negligência materna

10. Você se sentia protegida por sua mãe na infância e na adolescência? Porque?
11. Você sofreu agressões físicas e/ou verbais pela sua mãe?
12. Você se sentia abandonada pela sua mãe? Porque?
13. Você sentia medo da sua mãe? Porque?

Consequências do relacionamento

14. Você sente alguma culpa em relação à sua mãe? Qual?
15. Você sente que pode contar segredos, confiar e contar com sua mãe?Porque?
16. O que sua mãe diria a seu respeito?
17. Você sente orgulho da sua mãe? Em que?
18. Você deseja ser parecida com sua mãe? Em que?

Percepção do relacionamento materno atualmente

19. Como você percebe que é a relação de vocês atualmente?
20. Se você pudesse mudar algo na relação com sua mãe, o que seria?

RELATOS

Nome fictício: Sibipiruna

Qual sua idade?
35 anos.

Qual seu estado civil?
( ) Solteira
(X) Casada ou em união estável
( ) Separada ou divorciada
( ) Viúva

Você tem o diagnóstico de Fibromialgia? Há quantos anos?
( ) não tenho esse diagnóstico, embora tenha sintomas de dor
( )menos de 1 ano
( ) 1 a 3 anos
( ) 3 a 5 anos
(X) 5 a 10 anos
( )mais de 10 anos

Dados de existência da relação:

1. Você foi criada por sua mãe?

Não, na verdade essa é minha mãe adotiva. Minha mãe biológica me passou para a adoção. E então eu moro com a adotiva a muitos anos, desde bebê, ela é a minha mãe.

2. Atualmente a sua mãe é viva ou falecida?

Viva

3. Você e sua mãe moram (ou moravam) na mesma cidade?

Sim moramos na mesma cidade

4. Você possui (ou possuía) contato com sua mãe? Se sim, com que frequência?

Com a biológica eu parei um pouco de ter contato com ela. Eu conheci e só que assim já não bateu muito bem, sabe? Por um tempo tentei, mas depois eu parei um pouco de me comunicar com ela. Mas eu sei ela onde está, onde mora.

Percepção do relacionamento materno na infância

5. Como você definiria o relacionamento que teve com sua mãe na infância?

A minha mãe quando me pegou para criar já era uma pessoa idosa, já tinha quase 60 anos. Meu pai então acho que era 15 ou 17 anos mais velho que a minha mãe, então já é um idoso.Meus irmãos são todos bem mais velhos, minha irmã mais velha, por exemplo, tem 67 anos, que é filha dessa minha mãe, então eu fui criada muito certinho, sabe? Como se fosse na criação dos filhos dela, tipo lá na década de 50,60. É que tinha que ser tudo

certinho, muito regrado, então assim eu era muito presa. Minha mãe não me deixava ficar saindo, dormir em casa de amiguinha, de amigos, assim não foi totalmente também restrito, mas assim, era uma coisa mais séria comparado as outras mães

6. Você sentia que era amada, admirada e desejada por sua mãe? Se sim ou não, o que te dava essa impressão?

Eu me sentia, mas nunca foi completamente, porque uma que eu já fui rejeitada quando era criança. Então eu não penso que, parece que ela já tinha os filhos dela adultos. E por mais que ela tenha até hoje, assim, sempre parece que a prioridade maior é mais dos filhos, entendeu. Então eu nunca me senti 100%, não.

Identificação de percepção de negligencia materna

7. Você se sentia protegida por sua mãe na infância e na adolescência? Porque?

Num certo ponto, sim, na questão que a gente estava falando anteriormente da educação mais rígida, eu não podia fazer algumas coisas que outros adolescentes faziam sentir sozinho, outras não é para adolescente sozinho, agora com relação a alguma coisa que acontecia, eu não tinha aquele apoio, aquele mimo, aquela filha mimada. Se eu chegar, eu vou me expor, se eu chegar com dizendo "eu caí ali" ela me dava uma bronca, "ai eu estou me sentindo assim", ela dava uma bronca, nunca fui mimada, nunca fui vista ou tratada assim. Raros os momentos que eu fui, aconteceram mas foram raros.

8. Você sofreu agressões físicas e /ou verbais pela sua mãe?

Pela minha mãe já físicas e verbais, físicas, poucas, bem poucas, duro são as verbais, eram piores, porque era comparação da minha mãe adotiva com a minha mãe biológica. Então, assim, na época da adolescência, era aquela questão "você vai ser igual a sua mãe" " Filha de peixe, peixinho é" Porque minha mãe biológica teve 4 filhos, ela ficou com a mais velha e deu todos os outros. Então ela ficava meio que me comparando, eu não sei se para eu ficar com medo de engravidar, não ficar saindo por aí para acontecer uma coisa pior. Não sei se era um jeito dela me segurar, mas assim, de certa forma machucava, entende? Ela dizia "você acha que você vai ser vagabunda igual a sua mãe", quando ela falava essas coisas doía bastante.

9. Você se sentia abandonada pela sua mãe? Porque?

Por essa que me criou não, abandonada não, sempre amei muito minha mãe, muito, demais, em tudo. Sempre fiquei com ela, pra você ter uma idéia até hoje eu naõ sei se fico com ela ou se sigo minha vida.

10. Você sentia medo da sua mãe? Porque?

É como eu te disse antigamente a educação, às vezes, não era só na base do respeito, é igual antigamente a educação com o professor , não tinha respeito exatamente, era uma mistura de medo e respeito. Você tinha medo de acontecer alguma coisa, de você levar um castigo, sabe? Era isso.

Consequências do relacionamento

11. Você sente alguma culpa em relação a sua mãe? Qual?

Eu sempre me culpei, como eu sempre fui a mais novinha, por não ter condições financeiras para suprir as necessidades da minha mãe, porque com relação a afeto, eu sempre fui carinhosa assim, sabe? No jeito ou pedir para abraçar, ela que era mais esquiva, culpa eu tenho em relação a não ter dado uma melhor condição de vida a ela

12. Você sente que pode contar segredos, confiar e contar com sua mãe? Porque?

Olha, não muito, porque aquela coisa sabe "mão vou te falar uma coisa, mas não conta pra ninguém". No outro dia, minhas tias e todos estão sabendo.

13.O que sua mãe diria a seu respeito?

Eu não sei te falar, ao mesmo tempo que ela reclamaria de eu ter parado um pouco tempo,eu acho que ela diria que eu me viro muito bem sozinha, que eu nunca dependi muito dela para coisa alguma. Acho que ela diria isso, que eu sou um pouco independente nessa questão aí, não totalmente financeira, quer dizer eu sou independente, mas, não que eu seja rica, coisas do tipo, mas ela vai dizer que eu sei me virar muito bem quando eu quero alguma coisa.

14. Você sente orgulho da sua mãe? Em que?

Nossa, absurdo, ela é tudo para mim, tudo. Sinto muito mesmo. Uma mulher muito guerreira, eu acho que eu não tenho 1/3 da força que essa mulher tem, porque o que ela já passou na vida também, então eu entendo muito mais, entendeu? Ela pode não me entender direito, até porque é muita diferença da idade. Então, de certa forma, ia ser um pouco conflituoso, não é? Criar um adolescente nos anos 2000 e poucos, sendo que ela já teve filhos lá atrás, então, assim, independentemente de qualquer coisa que já aconteceu de eu me sentir ou não me sentir amada, querida, para mim ela é um exemplo de vida tanto como mulher e em tudo. Eu tenho muito orgulho dela.

15. Você deseja ser parecida com sua mãe? Em que?

Eu sou, de alguma forma eu sou. Agora que eu estou meio que morando com meu namorado, não completamente, eu me vejo nela, então eu comecei a perceber que eu acho que tudo é uma cadeia, o que fazem com você, de certa forma, você faz com outro, que

faz com outro, até aquilo ir minimizando com uma terapia ou sei lá o quê, não é? Eu acho que eu sou muito parecida com ela na questão de querer ser muito mandona, de ser tudo do meu jeito, sabe? Eu acho que sim, sim, sou sim, mas eu sou muito carinhosa também, mas por outro lado eu fico igual ela. Às vezes não sou carinhosa, às vezes só quero mandar. É muito parecido com ela.

Percepção do relacionamento materno atualmente

16. Como você percebe que é a relação de vocês atualmente?

Atualmente estou meio que desmamando, porque que nem eu te falei, antigamente, eu meio que idolatrava minha mãe, porque pelo fato dela ter me adotado, já é uma coisa muito, para mim uma pessoa que não tem condições financeiras boas, não é rica, não tem uma vida muito boa, sempre ficou batalhando para conseguir as coisas que tem, pegar uma criança doente para criar, porque eu quase morri na verdade, eu tive uma infecção generalizada quando era bebê, quando ela me pegou, então ela vivia em hospital comigo, vivia de doação da igreja onde ela tinha o Ministério na época, então para mim ela era um pedestal, ela ficava lá em cima, então com o tempo eu fui começando a desmamar, pela idade, para começar a minha vida, na verdade, porque senão eu ia ficar parada no tempo, ainda estou, estou tentando sair.

17. Se você pudesse mudar algo na relação com sua mãe, o que seria?

Eu acho que é na parte de dar mais atenção e afeto. Porque independente de dinheiro ou de qualquer outra coisa, eu acho que o que eu sinto mais falta é de afeto da parte dela. Por outro lado, pelo meu pai adotivo eu tive bastante, então supriu, mas como pai morreu quando eu tinha 17 anos, eu senti muito, mas agora eu não sei se essa questão de ser filha apegada com o pai, mas eu mudaria isso, teria uma relação de mais carinho, mais atenção, mais amizade mesmo.

Nome fictício:Ipê-amarelo

Qual sua idade?
25 anos

Qual seu estado civil?
( )Solteira
( )Casada ou em união estável
(X) Separada ou divorciada
( ) Viúva

Você tem o diagnóstico de Fibromialgia? Há quantos anos?
( ) não tenho esse diagnóstico, embora tenha sintomas de dor
( )menos de 1 ano
(x) 1 a 3 anos
( ) 3 a 5 anos
( ) 5 a 10 anos
( )mais de 10 anos

Dados de existência da relação:
1. Voce foi criada por sua mãe?
Sim
2. Atualmente a sua mãe é viva ou falecida?
Viva
3. Você e sua mãe moram (ou moravam) na mesma cidade?
Moramos na mesma cidade
4. Você possui (ou possuía) contato com sua mãe? Se sim, com que frequência?
Sim, diariamente.

Percepção do relacionamento materno na infância

5. Como você definiria o relacionamento que teve com sua mãe na infância?

Péssimo.

6. Você sentia que era amada, admirada e desejada por sua mãe? Se sim ou não, o que te dava essa impressão?

Não, a forma que ela me tratava, as coisas que ela me dizia, sempre parecia que ela transferia a raiva que ela tinha do meu pai para mim.

Identificação de percepção de negligencia materna

7. Você se sentia protegida por sua mãe na infância e na adolescência? Porque?

Não, porque a gente sempre teve uma relação difícil, eu nunca pude deixar que os meus assuntos chegassem a ela, eu nunca pude confiar nela porque em tudo eu era errada, sempre estava de castigo, em tudo eu não prestava, então eu evitava que as coisas chegassem nela, eu resolvia tudo sozinha.

8. Você sofreu agressões físicas e /ou verbais pela sua mãe?

Sim, físicas e verbais.

9. Você se sentia abandonada pela sua mãe? Porque?

Sim, porque a minha relação com ela é diferente da relação que eu vejo outras pessoas tendo com seus pais, minha mãe sempre foi mais na dela, ela fazia mais o papel de castigar mesmo, ela nunca via se eu era boa em alguma coisa, ela só via meus lados ruins e a nossa relação nunca foi muito fácil.

10. Você sentia medo da sua mãe? Porque?

Sim, porque eu apanhava, tudo que eu fazia estava de castigo.

Consequências do relacionamento

11. Você sente alguma culpa em relação a sua mãe? Qual?

Não

12. Você sente que pode contar segredos, confiar e contar com sua mãe? Porque?

Jamais.

13. O que sua mãe diria a seu respeito?

Diria que eu não presto, que eu sou igual meu pai, que eu sou desleixada, que sou preguiçosa, que só faço coisa errada.

14. Você sente orgulho da sua mãe? Em que?

Sim, apesar de uma péssima mãe ela é uma puta de uma profissional e uma pessoa incrível.

15. Você deseja ser parecida com sua mãe? Em que?

Não.

Percepção do relacionamento materno atualmente

16. Como você percebe que é a relação de vocês atualmente?

Hoje a gente se atura, igual a agente atura os colegas de trabalho, a gente é obrigado a conviver e eu respeito, por mais que o respeito não seja recíproco, como eu ainda tenho que viver na casa dela, eu só respeito.

17. Se você pudesse mudar algo na relação com sua mãe, o que seria?

Eu gostaria que ela tivesse sido mais próxima na infância, tivesse tido um pouco de maturidade, porque eu não sou culpada da relação dela e do meu pai não ter dado certo.

Nome fictício: Jacarandá

Qual sua idade?
30 anos

Qual seu estado civil?
(X)Solteira
( )Casada ou em união estável
( ) Separada ou divorciada
( ) Viúva

Você tem o diagnóstico de Fibromialgia? Há quantos anos?
( ) não tenho esse diagnóstico, embora tenha sintomas de dor
( )menos de 1 ano
(x) 1 a 3 anos
( ) 3 a 5 anos
( ) 5 a 10 anos
( )mais de 10 anos

Dados de existência da relação:
1. Voce foi criada por sua mãe?
Sim
2. Atualmente a sua mãe é viva ou falecida?
Viva
3. Você e sua mãe moram (ou moravam) na mesma cidade?
Moramos na mesma cidade
4. Você possui (ou possuía) contato com sua mãe? Se sim, com que frequência?
Sim, todos os dias.

Percepção do relacionamento materno na infância

5. Como você definiria o relacionamento que teve com sua mãe na infância?

Apesar de não me lembrar exatamente como era creio que bom, porque ela dedicou a vida profissional dela para cuidar de mim e das minhas irmãs.

6. Você sentia que era amada, admirada e desejada por sua mãe? Se sim ou não, o que te dava essa impressão?

Não muito, não como eu vejo ela, porque eu sinto que eu amo mais ela do que ela me ama.

Identificação de percepção de negligencia materna

7. Você se sentia protegida por sua mãe na infância e na adolescência? Porque?

Sim, em vários momentos.

8. Você sofreu agressões físicas e /ou verbais pela sua mãe?

Sim, eu era bem atentada, então constantemente estava apanhando ou ela me xingando.

9. Você se sentia abandonada pela sua mãe? Porque?

Não.

10. Você sentia medo da sua mãe? Porque?

Não

Consequências do relacionamento

11. Você sente alguma culpa em relação a sua mãe? Qual?

Um pouco, eu acho que ela poderia ter tido uma vida melhor se ela não tivesse filho.

12. Você sente que pode contar segredos, confiar e contar com sua mãe? Porque?

Sim, mas eu não opto por essa opção porque eu tenho medo do que ela vai pensar de mim, independente do que eu contar pra ela.

13. O que sua mãe diria a seu respeito?

Acho que ela falaria que eu sou uma pessoa meio cabeça dura, teimosa, mas talvez com um coração bom.

14. Você sente orgulho da sua mãe? Em que?

Sim, muito.

15. Você deseja ser parecida com sua mãe? Em que?

Não, ela é uma pessoa boa, mas eu mudaria muita coisa que ela faz, eu faria diferente.

Percepção do relacionamento materno atualmente

16. Como você percebe que é a relação de vocês atualmente?

Eu diria que um pouco tóxica porque eu tento fazer as coisas que ela gosta, então não sou 100% eu mesma com ela, é mais eu fingindo ser alguém para ela gostar desse alguém.

17. Se você pudesse mudar algo na relação com sua mãe, o que seria?

Acho que eu gostaria de mais atenção.

Nome fictício: Canela-louro

Qual sua idade?
33 anos

Qual seu estado civil?
( )Solteira
(X)Casada ou em união estável
( ) Separada ou divorciada
( ) Viúva

Você tem o diagnóstico de Fibromialgia? Há quantos anos?
( ) não tenho esse diagnóstico, embora tenha sintomas de dor
( )menos de 1 ano
(x) 1 a 3 anos
( ) 3 a 5 anos
( ) 5 a 10 anos
( )mais de 10 anos

Dados de existência da relação:

1. Voce foi criada por sua mãe?

Sim

2. Atualmente a sua mãe é viva ou falecida?

Viva

3. Você e sua mãe moram (ou moravam) na mesma cidade?

Moramos na mesma cidade

4. Você possui (ou possuía) contato com sua mãe? Se sim, com que frequência?

Sim, diariamente.

Percepção do relacionamento materno na infância

5. Como você definiria o relacionamento que teve com sua mãe na infância?

Bom, mas ela era ausente e eu me sentia muito sozinha.

6. Você sentia que era amada, admirada e desejada por sua mãe? Se sim ou não, o que te dava essa impressão?

Sentia que era amada porque via os cuidados que ela tinha com roupas, alimentação, os cuidados quando eu estava doente, mas não me sentia admirada porque parece que minha mãe nunca conseguiu me olhar de verdade, me elogiar, ver minhas qualidades.

Identificação de percepção de negligencia materna

7. Você se sentia protegida por sua mãe na infância e na adolescência? Porque?

Não, porque na infância ela era muito ausente, saia cedo para trabalhar e só voltava a noite, então eu ficava muito sozinha, na rua, nas casas dos outros, na adolescência ela foi extremamente negligente quando contei um abuso sexual que estava vivendo dentro de casa e ela não fez nada.

8. Você sofreu agressões físicas e /ou verbais pela sua mãe?

Físicas poucas, verbais algumas vezes.

9. Você se sentia abandonada pela sua mãe? Porque?

Ás vezes a ausência dela era sentida como abandono, quando ela não ia nas apresentações da escola do dia das mães, e quando eu contei sobre o abuso eu me senti totalmente abandonada com aquele problema.

10. Você sentia medo da sua mãe? Porque?

Não.

Consequências do relacionamento

11. Você sente alguma culpa em relação a sua mãe? Qual?

Sim, sinto que não devia ter nascido, sinto que fui um peso para ela.

12. Você sente que pode contar segredos, confiar e contar com sua mãe? Porque?

Sim, se eu precisar ela me ajuda, mas confiar nela é complicado.

13. O que sua mãe diria a seu respeito?

Diria que sou forte, corajosa, equilibrada, mas que também sou medrosa, dependente dos outros em questões emocionais.

14. Você sente orgulho da sua mãe? Em que?

Sim, ela é uma mulher forte, diante de tudo que ela já viveu, ela conseguiu sempre se reerguer na vida. Mas como mãe eu seria diferente.

15. Você deseja ser parecida com sua mãe? Em que?

Desejo ser parecida na parte de ser determinada.

Percepção do relacionamento materno atualmente

16. Como você percebe que é a relação de vocês atualmente?

Atualmente nos damos bem, temos contato diário, eu tentei perdoar algumas coisas do passado, conseguimos nos tratar com amor.

17. Se você pudesse mudar algo na relação com sua mãe, o que seria?

Meu maior sonho era que, lá atrás, ela tivesse me protegido daqueles abusos. Contar para ela e ela não fazer nada foi a maior decepção que já tive na vida, ás vezes eu fico pensando que se ela tivesse me protegido, nossa relação poderia ser tão melhor e eu não sentiria todo esse peso que eu carrego dentro de mim.

Nome fictício: Guariroba-árvore

Qual sua idade?
34 anos

Qual seu estado civil?
( )Solteira
(X)Casada ou em união estável
( ) Separada ou divorciada
( ) Viúva

Você tem o diagnóstico de Fibromialgia? Há quantos anos?
( ) não tenho esse diagnóstico, embora tenha sintomas de dor
( )menos de 1 ano
(X) 1 a 3 anos
( ) 3 a 5 anos
( ) 5 a 10 anos
( )mais de 10 anos

Dados de existência da relação:
1. Voce foi criada por sua mãe?
Sim
2. Atualmente a sua mãe é viva ou falecida?
Viva
3. Você e sua mãe moram (ou moravam) na mesma cidade?
Moramos na mesma cidade
4. Você possui (ou possuía) contato com sua mãe? Se sim, com que frequência?
Sim, com frequência mínima, a cada dois meses.

Percepção do relacionamento materno na infância

5. Como você definiria o relacionamento que teve com sua mãe na infância?

Péssimo e doloroso.

6. Você sentia que era amada, admirada e desejada por sua mãe? Se sim ou não, o que te dava essa impressão?

Não, jamais. O que me dava essa impressão eram as surras constantes e as desfeitas que ela tinha comigo.

Identificação de percepção de negligencia materna

7. Você se sentia protegida por sua mãe na infância e na adolescência? Porque?

Sim e não, quando eu era criança, sim. Quando eu cheguei aos 13 anos não, porque ela foi embora. Ela me abandonou, foi embora de cidade e automaticamente a gente não se sente protegida quando essa pessoa não está.

8. Você sofreu agressões físicas e /ou verbais pela sua mãe?

Ambas as duas e com bastante frequência. Eu fazia xixi na cama e ela me batia muito e me afogava no colchão para eu aprender a não fazer mais xixi na cama.

9. Você se sentia abandonada pela sua mãe? Porque?

Muito, muito extremamente. Porque ela era uma mãe que viveu pouco comigo, maIs exato até os 12 anos de idade. E ela era uma mãe que não conversava, não abraçava, não beijava. Nada disso.

10. Você sentia medo da sua mãe? Porque?

Ambas as duas e com bastante frequência. Eu fazia xixi na cama e ela me batia muito e me afogava no colchão para eu aprender a não fazer mais xixi na cama.

Consequências do relacionamento

11. Você sente alguma culpa em relação a sua mãe? Qual?

Hoje, não.

12. Você sente que pode contar segredos, confiar e contar com sua mãe? Porque?

Nunca, jamais, porque ela não é confiável.

13. O que sua mãe diria a seu respeito?

Não sei o que ela pensa de mim.

14. Você sente orgulho da sua mãe? Em que?

Não, de forma alguma, em nada.

15. Você deseja ser parecida com sua mãe? Em que?

Jamais, nem de longe.

Percepção do relacionamento materno atualmente

16. Como você percebe que é a relação de vocês atualmente?

Falsa.

17. Se você pudesse mudar algo na relação com sua mãe, o que seria?

Ela nascer denovo, talvez.

Nome fictício:Cambucá

Qual sua idade?
35 anos

Qual seu estado civil?
( )Solteira
(X)Casada ou em união estável
( ) Separada ou divorciada
( ) Viúva

Você tem o diagnóstico de Fibromialgia? Há quantos anos?
( ) não tenho esse diagnóstico, embora tenha sintomas de dor
( )menos de 1 ano
( ) 1 a 3 anos
(X) 3 a 5 anos
( ) 5 a 10 anos
( )mais de 10 anos

Dados de existência da relação:

1. Voce foi criada por sua mãe?

Sim

2. Atualmente a sua mãe é viva ou falecida?

Viva

3. Você e sua mãe moram (ou moravam) na mesma cidade?

Moramos na mesma cidade

4. Você possui (ou possuía) contato com sua mãe? Se sim, com que frequência?

Sim, semanalmente.

Percepção do relacionamento materno na infância

5. Como você definiria o relacionamento que teve com sua mãe na infância?

Bom e ruim, tenho algumas lembranças boas de nós duas na infância, mas ela foi muito negligente em algumas coisas.

6. Você sentia que era amada, admirada e desejada por sua mãe? Se sim ou não, o que te dava essa impressão?

Ás vezes sentia que era amada, admirada, quando ela elogiava alguma coisa que eu fazia. Desejada eu sempre soube que não fui.

Identificação de percepção de negligencia materna

7. Você se sentia protegida por sua mãe na infância e na adolescência? Porque?

Não, porque minha mãe era muito submissa a meu pai, e ele era muito rígido e agressivo, então muitas vezes ela via ele espancando a gente e não fazia nada.

8. Você sofreu agressões físicas e /ou verbais pela sua mãe?

Sim, físicas poucas, mas verbais eram frequentes.

9. Você se sentia abandonada pela sua mãe? Porque?

Me senti abandonada quando aos 14 anos ela me mudou de cidade para estudar, eu morava até então na chácara e derrepente me vi sozinha na casa de pessoas estranhas, foihorrível.

10. Você sentia medo da sua mãe? Porque?

Não.

Consequências do relacionamento

11. Você sente alguma culpa em relação a sua mãe? Qual?

Ás vezes parece que se eu não tivesse nascido ela não precisaria ter se casado tão cedo com meu pai e não teria tido uma vida tão ruim quanto ela teve.

12. Você sente que pode contar segredos, confiar e contar com sua mãe? Porque?

Não, minha mãe é fofoqueira, não é confiável.

13. O que sua mãe diria a seu respeito?

Diria que eu me superei na vida, que dei a volta por cima, que tive as coragens que ela nunca teve.

14. Você sente orgulho da sua mãe? Em que?

Não.

15. Você deseja ser parecida com sua mãe? Em que?

Não, eu tenho pavor em poder ser parecida com ela.

Percepção do relacionamento materno atualmente

16. Como você percebe que é a relação de vocês atualmente?

Atualmente é boa, mas meio fria, e ela me incomoda em muitas coisas.

17. Se você pudesse mudar algo na relação com sua mãe, o que seria?Eu gostaria que ela tivesse sido uma mãe de verdade sabe, que defende os filhos, que entra na frente de uma briga para defendê-los. Hoje eu sou mãe e não entendo como uma mãe pode ver um filho sendo espancado e ficar varrendo a casa, como se nada estivesse acontecendo. Talvez se ela tivesse sido diferente tudo poderia se diferente hoje em nossa relação.

Nome fictício: Chuva de Ouro

Qual sua idade?
30 anos

Qual seu estado civil?
(X)Solteira
( )Casada ou em união estável
( ) Separada ou divorciada
( ) Viúva

Você tem o diagnóstico de Fibromialgia? Há quantos anos?
( ) não tenho esse diagnóstico, embora tenha sintomas de dor
( )menos de 1 ano
(X) 1 a 3 anos
( ) 3 a 5 anos
( ) 5 a 10 anos
( )mais de 10 anos

Dados de existência da relação:
1. Voce foi criada por sua mãe?
Sim
2. Atualmente a sua mãe é viva ou falecida?
Viva
3. Você e sua mãe moram (ou moravam) na mesma cidade?
Moramos na mesma cidade
4. Você possui (ou possuía) contato com sua mãe? Se sim, com que frequência?
Sim, diariamente.

Percepção do relacionamento materno na infância

5. Como você definiria o relacionamento que teve com sua mãe na infância?

Bom, mas distante.

6. Você sentia que era amada, admirada e desejada por sua mãe? Se sim ou não, o que te dava essa impressão?

Ás vezes, eu sou a filha mais velha e minha irmã mais nova era muito doente, então minha mãe passava todo o tempo com ela, algumas vezes passava dias no hospital quando minha irmã internava, e eu ficava na casa de algumas tias. Eu não tinha a atenção dela, então ás vezes parecia que não era tão amada por ela.

Identificação de percepção de negligencia materna

7. Você se sentia protegida por sua mãe na infância e na adolescência? Porque?

Na infância não, porque a atenção toda dela estava na minha irmã, ela quase não me notava. Na adolescência sim, mas hoje vejo que foi um cuidado exagerado sabe, cheio de regras desnecessárias, eu não consegui ser um pouco livre e parece que não consigo até hoje.

8. Você sofreu agressões físicas e /ou verbais pela sua mãe?

Não.

9. Você se sentia abandonada pela sua mãe? Porque?

Sim, muito, principalmente na infância, porque muitas vezes passava dias nas casas das tias, eu nunca sabia quando ela ia voltar, eu esperava todos os dias.

10. Você sentia medo da sua mãe? Porque?

Não.

Consequências do relacionamento

11. Você sente alguma culpa em relação a sua mãe? Qual?

Ás vezes eu penso que não devia ter nascido, parece que sempre fui uma peso para ela, parece que a família ficou entre ela, meu pai e minha irmã, eu não faço parte.

12. Você sente que pode contar segredos, confiar e contar com sua mãe? Porque?

Até posso, mas não consigo contar segredos para ela.

13. O que sua mãe diria a seu respeito?

Diria que sou muito estudiosa, mas que não me permito viver de verdade.

14. Você sente orgulho da sua mãe? Em que?

Sim, acho que ela sempre foi trabalhadeira e sempre lutou para termos o melhor.

15. Você deseja ser parecida com sua mãe? Em que?

Não, ela tem a mente muito fechada para o mundo.

Percepção do relacionamento materno atualmente

16. Como você percebe que é a relação de vocês atualmente?

Atualmente nos respeitamos bastante, mas não somos amigas, eu me sinto mal por ser dependente dela por causa da fibromialgia, ela que me leva nos médicos, tratamentos, etc.

17. Se você pudesse mudar algo na relação com sua mãe, o que seria?

Eu gostaria que fossemos amigas, que pudéssemos falar de sexo por exemplo, mas isso parece muito complicado para nós.

Nome fictício: Ipê-branco

Qual sua idade?
32 anos

Qual seu estado civil?
(X)Solteira
( )Casada ou em união estável
( ) Separada ou divorciada
( ) Viúva

Você tem o diagnóstico de Fibromialgia? Há quantos anos?
( ) não tenho esse diagnóstico, embora tenha sintomas de dor
( )menos de 1 ano
( ) 1 a 3 anos
(X) 3 a 5 anos
( ) 5 a 10 anos
( )mais de 10 anos

Dados de existência da relação:
1. Voce foi criada por sua mãe?
Sim
2. Atualmente a sua mãe é viva ou falecida?
Viva
3. Você e sua mãe moram (ou moravam) na mesma cidade?
Moramos na mesma cidade
4. Você possui (ou possuía) contato com sua mãe? Se sim, com que frequência?
Sim, não muito frequente, se a gente se vê se cumprimenta mas já vai trabalhar ou dormir.

Percepção do relacionamento materno na infância

5. Como você definiria o relacionamento que teve com sua mãe na infância?

Não muito amigável, porque eu gostei mais do meu pai quando era pequena e sei lá, acho que por gostar mais dele, quando eles acabavam discutindo, eu sempre acabava apoiando meu pai, e isso tornava ela um pouco rival, não era legal. Eu pensava que ela era chata, que não deixava meu pai fazer as coisas e então não era legal, eu gostava dela porque era minha mãe, mas ao mesmo tempo não.

6. Você sentia que era amada, admirada e desejada por sua mãe? Se sim ou não, o que te dava essa impressão?

Não porque acho que ela preferia mais as minhas irmãs do que eu, decerto também porque eu era resistente em questão de tentar ter algum convívio com ela por conta de gostar mais do meu pai, então eu digo, quando ela vinha para me agradar, eu também não cedia e ela dava mais atenção e protegia mais minhas irmãs do que eu.

Identificação de percepção de negligencia materna

7. Você se sentia protegida por sua mãe na infância e na adolescência? Porque?

Na infância não, na adolescência sim. Na infância não porque eu sentia que ela dava mais atenção para as minhas irmãs, porque elas eram mais novas. Na adolescência, depois que eles se divorciaram, parece que ela começou a dar atenção para as três por igual.

8. Você sofreu agressões físicas e /ou verbais pela sua mãe?

Física muito pouco, muito raramente ela me deu umas chineladas, mas verbais sim porque a gente sempre discutiu muito, então acabava brigando e discutindo, ela tem costume de quando está com raiva ela me ataca com coisas que me machucam, porém eu devolvo na mesma moeda, então a gente evita ao máximo brigar porque a gente sabe que machuca, mas verbalmente muito.

9. Você se sentia abandonada pela sua mãe? Porque?

Sim, ela acabava trabalhando muito e enquanto foi casada com meu pai, ele era o centro da atenção dela, quando não era meu pai, eram as minhas irmãs, por serem menores ela priorizava cuidar delas e eu tive que ser muito independente.

10. Você sentia medo da sua mãe? Porque?

Não

Consequências do relacionamento

11. Você sente alguma culpa em relação a sua mãe? Qual?

Sinto por saber que quando pequena eu não gostava dela, era difícil ter um convívio com ela e porque quando eu estava com 13 anos, meus pais tinham acabado de se divorciar, eu estava numa fase complicada, só queria sair, conhecer os meninos, eu comecei a dar muito trabalho e nessa época ela estava fazendo o ensino médio, e ela havia passado na faculdade para fazer fisioterapia e desistiu porque ela preferiu parar a vida dela para cuidar de mim, para me dar. Eu levo essa culpa porque hoje em dia ela poderia estar muitomelhor do que está agora, só que ela não fez porque ela preferiu parar para cuidar de mime eu nem fui uma filha tão boa.

12. Você sente que pode contar segredos, confiar e contar com sua mãe? Porque?

Sim, sei que se eu falar com ela, ela irá ouvir, vai gritar e fazer um show dependendo do que for, mas eu sei que vai me ajudar.

13. O que sua mãe diria a seu respeito?

Diria que eu sou a filha mais velha, que tenho muitos sonhos, que me esforço, que sou capaz de fazer muitas coisas, que sou independente, que sou um pouco ingrata porque prefiro fazer as coisas sozinhas, que eu procuro sempre ser perfeita, ela diria que eu me cobro demais e que ás vezes acabo me autossabotando, diria que sou uma boa pessoa mas

eu preciso colocar um limite e não tentar fazer sempre tudo de uma vez.

14.Você sente orgulho da sua mãe? Em que?

Sim, sinto, muito.

15.Você deseja ser parecida com sua mãe? Em que?

Desejo, eu tento ser igual a ela, forte como ela, tento mostrar para ela que eu aprendi, que eu consigo fazer as coisas, que eu não vou falhar. Eu prometi para mim mesma e para ela que eu ia ser melhor, eu quero ser igual a ela, não desistir não importa o que aconteça, se for preciso carregar os outros ou alguém importante para você, tudo bem, você mostra que consegue fazer todas as coisas ao mesmo tempo.

Percepção do relacionamento materno atualmente

16.Como você percebe que é a relação de vocês atualmente?

Distante. A quase não tem tempo.

17.Se você pudesse mudar algo na relação com sua mãe, o que seria?

Eu tentaria não discutir tanto com ela, porque eu acabo soltando uma agressividade que está dentro de mim presa e acabo machucando ela também.

Nome fictício: Sepuva

Qual sua idade?
37 anos

Qual seu estado cicvil?
( )Solteira
( )Casada ou em união estável
(X) Separada ou divorciada
( ) Viúva

Você tem o diagnóstico de Fibromialgia? Há quantos anos?
( ) não tenho esse diagnóstico, embora tenha sintomas de dor
( )menos de 1 ano
( ) 1 a 3 anos
(X) 3 a 5 anos
( ) 5 a 10 anos
( )mais de 10 anos

Dados de existência da relação:

1. Voce foi criada por sua mãe?

Sim

2. Atualmente a sua mãe é viva ou falecida?

Viva

3. Você e sua mãe moram (ou moravam) na mesma cidade?

Moramos na mesma cidade

4. Você possui (ou possuía) contato com sua mãe? Se sim, com que frequência?

Sim, mensalmente.

Percepção do relacionamento materno na infância

5. Como você definiria o relacionamento que teve com sua mãe na infância?

Ruim, porque ela não cuidava de mim, ela não me ajudava, não me orientava.

6. Você sentia que era amada, admirada e desejada por sua mãe? Se sim ou não, o que te dava essa impressão?

Não, ela nunca me elogiava, nunca estava satisfeita, sempre cobrava mais.

Identificação de percepção de negligencia materna

7. Você se sentia protegida por sua mãe na infância e na adolescência? Porque?

Não, porque ela nunca estava quando eu precisava e na minha adolescência ela foi embora

8. Você sofreu agressões físicas e /ou verbais pela sua mãe?

Sim. Física, ela batia e ela xingava, falava do meu corpo, do meu cabelo.

9. Você se sentia abandonada pela sua mãe? Porque?

Sim, porque ela me abandonou, ela me criou e na minha adolescência ela realmente me abandonou, ela foi embora.

10. Você sentia medo da sua mãe? Porque?

Sim, porque ela era agressiva e qualquer coisa ela me batia.

Consequências do relacionamento

11. Você sente alguma culpa em relação a sua mãe? Qual?

Não

12. Você sente que pode contar segredos, confiar e contar com sua mãe? Porque?

Não

13. O que sua mãe diria a seu respeito?

Eu não sei porque ela ainda me critica, não gosta das coisas que eu faço, ainda não agrada ela.

14. Você sente orgulho da sua mãe? Em que?

Não.

15. Você deseja ser parecida com sua mãe? Em que?

Não.

Percepção do relacionamento materno atualmente

16. Como você percebe que é a relação de vocês atualmente?

Atualmente é pacífica, mas eu não tenho tanto sentimento por ela.

17. Se você pudesse mudar algo na relação com sua mãe, o que seria?

Eu não sei.

Nome fictício: Manacá da Serra

Qual sua idade?
22 anos

Qual seu estado cicvil?
(X)Solteira
( )Casada ou em união estável
( ) Separada ou divorciada
( ) Viúva

Você tem o diagnóstico de Fibromialgia? Há quantos anos?
( ) não tenho esse diagnóstico, embora tenha sintomas de dor
( )menos de 1 ano
(X) 1 a 3 anos
( ) 3 a 5 anos
( ) 5 a 10 anos
( )mais de 10 anos

Dados de existência da relação:

1. Voce foi criada por sua mãe?

Sim

2. Atualmente a sua mãe é viva ou falecida?

Viva

3. Você e sua mãe moram (ou moravam) na mesma cidade?

Moramos na mesma cidade

4. Você possui (ou possuía) contato com sua mãe? Se sim, com que frequência?

Sim, diariamente.

Percepção do relacionamento materno na infância

5. Como você definiria o relacionamento que teve com sua mãe na infância?

Acho que bom. Tipo, ela não era muito presente, mas eu entendia que era porque ela tinha que trabalhar para dar sustento para nós. É compreensível essa ausência dela.

6. Você sentia que era amada, admirada e desejada por sua mãe? Se sim ou não, o que te dava essa impressão?

Ela sempre se esforçou para demonstrar que ela ama e se importa com a gente. Ela sempre mostra a admiração dela nos mínimos detalhes, com coisas básicas que a gente faz, ela tenta demonstrar que você a deixou orgulhosa.

Identificação de percepção de negligencia materna

7. Você se sentia protegida por sua mãe na infância e na adolescência? Porque?

Na infância não sei muito, porque a minha vó batia na gente, ela sabia e não fazia nada. Na adolescência eu acho que não muito, mas acho que agora, que estou maior, me sinto mais protegida.

8. Você sofreu agressões físicas e /ou verbais pela sua mãe?

Ela já me xingou muito, algumas agressões físicas também, mas nada muito sério.

9. Você se sentia abandonada pela sua mãe? Porque?

Não.

10. Você sentia medo da sua mãe? Porque?

Não.

Consequências do relacionamento

11. Você sente alguma culpa em relação a sua mãe? Qual?

Acho que se eu não tivesse existido, sei lá, ela podia ter terminado os estudos e ter uma vida melhor.

12. Você sente que pode contar segredos, confiar e contar com sua mãe? Porque?

Eu posso, mas eu tenho vergonha de contar meus segredos.

13. O que sua mãe diria a seu respeito?

Diria que eu sou uma pessoa pacífica, é o que ela normalmente fala, que eu consigo trazer paz para casa, que eu sou uma pessoa mais centralizada.

14. Você sente orgulho da sua mãe? Em que?

Sim, ela é muito trabalhadeira.

15. Você deseja ser parecida com sua mãe? Em que?

Eu gosto das atitudes dela, mas eu quero ter um futuro diferente, uma profissão diferente e com um negócio diferente, mas eu acho admirável as atitudes dela. Eu pretendo puxar alguma coisa dela.

Percepção do relacionamento materno atualmente

16. Como você percebe que é a relação de vocês atualmente?

Considero boa.

17. Se você pudesse mudar algo na relação com sua mãe, o que seria?

Mudaria os xingamentos, ela me xinga demais. Quando ela fica estressada, ela desconta em mim.

Nome fictício: Açoita cavalo-miúdo

Qual sua idade?
19 anos

Qual seu estado civil?
(X)Solteira
( )Casada ou em união estável
( ) Separada ou divorciada
( ) Viúva

Você tem o diagnóstico de Fibromialgia? Há quantos anos?
( ) não tenho esse diagnóstico, embora tenha sintomas de dor
( )menos de 1 ano
(x) 1 a 3 anos
( ) 3 a 5 anos
( ) 5 a 10 anos
( )mais de 10 anos

Dados de existência da relação:

1. Voce foi criada por sua mãe?

Sim

2. Atualmente a sua mãe é viva ou falecida?

Viva

3. Você e sua mãe moram (ou moravam) na mesma cidade?

Morávamos na mesma cidade

4. Você possui (ou possuía) contato com sua mãe? Se sim, com que frequência?

Possuo uma ou duas vezes por semana.

Percepção do relacionamento materno na infância

5. Como você definiria o relacionamento que teve com sua mãe na infância?

Foi bom, ela era bem participativa.

6. Você sentia que era amada, admirada e desejada por sua mãe? Se sim ou não, o que te dava essa impressão?

Sim, amada. Ela sempre estava grudada comigo, quando eu chorava ela me abraçava.

Identificação de percepção de negligencia materna

7. Você se sentia protegida por sua mãe na infância e na adolescência? Porque?

Na infância sim, na adolescência nem tanto, porque quando eu ti há 16 anos ela se separou do meu pai e foi morar em São Gabriel.

8. Você sofreu agressões físicas e /ou verbais pela sua mãe?

Minha mãe de vez em quando me batia com a toalha molhada.

9.Você se sentia abandonada pela sua mãe? Porque?

Na minha adolescência sim porque foi do nada, ela derrepente saiu, e nós tínhamos uma convivência diária, ela me levava na escola, e do nada ela some, então eu senti sim abandono.

10. Você sentia medo da sua mãe? Porque?

Não, nunca tive medo dela, ela nunca foi agressiva.

Consequências do relacionamento

11. Você sente alguma culpa em relação a sua mãe? Qual?

Não

12. Você sente que pode contar segredos, confiar e contar com sua mãe? Porque?

Sim, ela é uma pessoa que confio bastante.

13.O que sua mãe diria a seu respeito?

Diria que sou inteligente, que tenho um futuro brilhante pela frente, que só preciso ter foco e estudar bastante.

14. Você sente orgulho da sua mãe? Em que?

Sim, apesar de uma péssima mãe ela é uma puta de uma profissional e uma pessoa incrível.

15. Você deseja ser parecida com sua mãe? Em que?

Em algumas partes sim, ela era bastante trabalhadeira, atenciosa.

Percepção do relacionamento materno atualmente

16. Como você percebe que é a relação de vocês atualmente?

Atualmente é distante porque ela mora em outra cidade, ás vezes conversamos mas não é mais como antigamente, nossa relação se afastou.

17. Se você pudesse mudar algo na relação com sua mãe, o que seria?

Eu acho que mudaria nossa comunicação, poderíamos nos falar mais.

Nome fictício: Babosa branca

Qual sua idade?
57 anos

Qual seu estado civil?
( )Solteira
(X)Casada ou em união estável
( ) Separada ou divorciada
( ) Viúva

Você tem o diagnóstico de Fibromialgia? Há quantos anos?
( ) não tenho esse diagnóstico, embora tenha sintomas de dor
( )menos de 1 ano
( ) 1 a 3 anos
( ) 3 a 5 anos
(X) 5 a 10 anos
( )mais de 10 anos

Dados de existência da relação:

1. Voce foi criada por sua mãe?

Sim

2. Atualmente a sua mãe é viva ou falecida?

Viva

3. Você e sua mãe moram (ou moravam) na mesma cidade?

Morávamos.

4. Você possui (ou possuía) contato com sua mãe? Se sim, com que frequência?

Sim, uma vez por ano.

Percepção do relacionamento materno na infância

5. Como você definiria o relacionamento que teve com sua mãe na infância?

Estranho, distante, vazio.

6. Você sentia que era amada, admirada e desejada por sua mãe? Se sim ou não, o que te dava essa impressão?

Não, eu sou a última filha de 15 irmãos, minha mãe quase não tinha tempo para mim e quando eu tinha 5 anos minha mãe teve um problema de saúde muito sério e foi fazer tratamento em São Paulo, eu me lembro de ter sofrido muito com isso, meu pai tinha que trazer as camisolas sujas dela para eu ficar cheirando, mas quando ela melhorou e voltou parece que ela não se importou muito comigo.

Identificação de percepção de negligencia materna

7. Você se sentia protegida por sua mãe na infância e na adolescência? Porque?

Não, porque na infância aconteceu isso, quando ela retornou do hospital não se importava comigo, me deixava sozinha, e quando eu completei 8 anos de idade uma mulher apareceu na chácara onde morávamos e pediu para me levar para trabalhar pra ela, e minha mãe simplesmente deixou, eu sofri coisas horríveis na casa dessa mulher.

8. Você sofreu agressões físicas e /ou verbais pela sua mãe?

Não.

9. Você se sentia abandonada pela sua mãe? Porque?

Muito, porque quando ela voltou do hospital não cuidou de mim, porque me deixou ir com uma mulher desconhecida, ainda bem que depois de um tempo minha irmã mais velha ficou sabendo dessa história e foi atrás de mim e me tirou da casa dessa mulher.

10. Você sentia medo da sua mãe? Porque?

Depois desse acontecimento eu tinha medo dela me dar para a primeira pessoa que aparecesse ali na chácara.

Consequências do relacionamento

11. Você sente alguma culpa em relação a sua mãe? Qual?

Sim, devido a todos esses acontecimentos eu sempre fui muito distante da minha mãe, eu me sinto culpada em não ter tido coragem, até hoje, de tentar resolver isso entre nós, mas quando eu chego perto dela eu sinto muita raiva, não consigo perdoar.

12. Você sente que pode contar segredos, confiar e contar com sua mãe? Porque?

Não.

13. O que sua mãe diria a seu respeito?

Eu não faço idéia do que ela pensa de mim.

14. Você sente orgulho da sua mãe? Em que?

Não.

15. Você deseja ser parecida com sua mãe? Em que?

Não.

Percepção do relacionamento materno atualmente

16. Como você percebe que é a relação de vocês atualmente?

Da parte dela, vazia e fria, da minha parte, cheia de mágoas e raiva, muita raiva.

17. Se você pudesse mudar algo na relação com sua mãe, o que seria?

Queria me sentir desejada pela minha mãe, queria ter vontade de ir lá ver ela, mas eu não tenho.

Nome fictício: Jacarandá Paulista

Qual sua idade?
56 anos

Qual seu estado civil?
( )Solteira
(X)Casada ou em união estável
( ) Separada ou divorciada
( ) Viúva

Você tem o diagnóstico de Fibromialgia? Há quantos anos?
( ) não tenho esse diagnóstico, embora tenha sintomas de dor
( )menos de 1 ano
( ) 1 a 3 anos
( ) 3 a 5 anos
( ) 5 a 10 anos
(X)mais de 10 anos

Dados de existência da relação:

1. Voce foi criada por sua mãe?

Sim

2. Atualmente a sua mãe é viva ou falecida?

Viva

3. Você e sua mãe moram (ou moravam) na mesma cidade?

Não.

4. Você possui (ou possuía) contato com sua mãe? Se sim, com que frequência?

Sim, diariamente.

Percepção do relacionamento materno na infância

5. Como você definiria o relacionamento que teve com sua mãe na infância?

Com minha mãe foi muito bom.

6. Você sentia que era amada, admirada e desejada por sua mãe? Se sim ou não, o que te dava essa impressão?

Ás vezes sim, ás vezes não, porque eu tenho mais irmãos e eu sempre senti, até hoje na verdade, que ela dava mais atenção para os outros do que para mim.

Identificação de percepção de negligencia materna

7. Você se sentia protegida por sua mãe na infância e na adolescência? Porque?

Não, porque não tinha muita proteção, mesmo nova já tinha que trabalhar, era difícil.

8. Você sofreu agressões físicas e /ou verbais pela sua mãe?

Não, minha mãe nunca foi agressiva.

9. Você se sentia abandonada pela sua mãe? Porque?

Não.

10. Você sentia medo da sua mãe? Porque?

Nunca senti medo dela.

Consequências do relacionamento

11. Você sente alguma culpa em relação a sua mãe? Qual?

Eu sentia, houve um tempo que minha mãe me via e já dizia "você engordou", e eu ficava chateada e com raiva, mas um dia eu cheguei nela e conversei, eu disse "mãe, eu não me sinto bem que a sra toda vez que me encontra só sabe dizer que estou gorda", depois disso foi resolvido, ela parou de falar isso.

12. Você sente que pode contar segredos, confiar e contar com sua mãe? Porque?

Nós não temos essa relação de contar segredos.

13. O que sua mãe diria a seu respeito?

Diria que eu sou trabalhadeira, mas que é uma pena estar desse jeito, com a fibromialgia acabando com a minha vida.

14. Você sente orgulho da sua mãe? Em que?

Sim,eu sinto, porque ela nos criou sozinha, se fosse outra mãe poderia ter nos abandonado e ter ido viver vida dela, porque quando meu pai faleceu ela tinha 36 anos e ela não quis se casar novamente para poder nos criar.

15. Você deseja ser parecida com sua mãe? Em que?

Sou parecida.

Percepção do relacionamento materno atualmente

16. Como você percebe que é a relação de vocês atualmente?

Hoje está bem melhor, depois que eu tive aquela conversa com ela.

17. Se você pudesse mudar algo na relação com sua mãe, o que seria?

Eu gostaria que ela parasse de puxar o saco dos meus irmãos.

Nome fictício: Grumixama

Qual sua idade?
52 anos

Qual seu estado civil?
( )Solteira
(X)Casada ou em união estável
( ) Separada ou divorciada
( ) Viúva

Você tem o diagnóstico de Fibromialgia? Há quantos anos?
( ) não tenho esse diagnóstico, embora tenha sintomas de dor
( )menos de 1 ano
( ) 1 a 3 anos
(X) 3 a 5 anos
( ) 5 a 10 anos
( )mais de 10 anos

Dados de existência da relação:

1. Voce foi criada por sua mãe?

Sim

2. Atualmente a sua mãe é viva ou falecida?

Viva

3. Você e sua mãe moram (ou moravam) na mesma cidade?

Moramos na mesma cidade

4. Você possui (ou possuía) contato com sua mãe? Se sim, com que frequência?

Sim, diariamente.

Percepção do relacionamento materno na infância

5. Como você definiria o relacionamento que teve com sua mãe na infância?

Acredito que não foi ruim de tudo, mas também não foi bom, tenho poucas memórias boas do passado.

6. Você sentia que era amada, admirada e desejada por sua mãe? Se sim ou não, o que te dava essa impressão?

Não sentia, o que me dava essa impressão eram as atitudes dela comigo, por exemplo as agressões verbais, espancamentos, falta de carinho.

Identificação de percepção de negligencia materna

7. Você se sentia protegida por sua mãe na infância e na adolescência? Porque?

Não, porque ela nunca teve preocupação em perguntar como eu estava, como me sentia, não me alertava, não sentia proteção.

8. Você sofreu agressões físicas e /ou verbais pela sua mãe?

Sim, físicas e verbais.

9. Você se sentia abandonada pela sua mãe? Porque?

Sim, porque ela nunca me levava nos lugares que ela ia, pela falta de atenção, não me levava para passear.

10. Você sentia medo da sua mãe? Porque?

Sim, porque ela era muito nervosa, irritada, me espancava.

Consequências do relacionamento

11. Você sente alguma culpa em relação a sua mãe? Qual?

Sim, de não ter me resolvido com ela a mais tempo, de não ter tido um diálogo com ela sobre as atitudes dela a mais tempo.

12. Você sente que pode contar segredos, confiar e contar com sua mãe? Porque?

Sim, porque ela é boa conselheira, ela é fiel para guardar segredos.

13. O que sua mãe diria a seu respeito?

Diria que sou uma pessoa forte, de personalidade, independente.

14. Você sente orgulho da sua mãe? Em que?

Sim, por ela ser uma mulher extrovertida, amiga das pessoas, não ser preconceituosa e ter a menta aberta.

15. Você deseja ser parecida com sua mãe? Em que?

Sim, quero ser extrovertida como ela.

Percepção do relacionamento materno atualmente

16. Como você percebe que é a relação de vocês atualmente?

Ótima.

17. Se você pudesse mudar algo na relação com sua mãe, o que seria?

Seria mais presente na vida dela, isso faria bem para nós.

Nome fictício: Aroeira-vermelha

Qual sua idade?
54 anos

Qual seu estado civil?
(X)Solteira
( )Casada ou em união estável
( ) Separada ou divorciada
( ) Viúva

Você tem o diagnóstico de Fibromialgia? Há quantos anos?
( ) não tenho esse diagnóstico, embora tenha sintomas de dor
( )menos de 1 ano
( ) 1 a 3 anos
( ) 3 a 5 anos
( ) 5 a 10 anos
(X)mais de 10 anos

Dados de existência da relação:

1. Voce foi criada por sua mãe?

Sim

2. Atualmente a sua mãe é viva ou falecida?

Viva

3. Você e sua mãe moram (ou moravam) na mesma cidade?

Moramos juntas ainda

4. Você possui (ou possuía) contato com sua mãe? Se sim, com que frequência?

Sim, diariamente.

Percepção do relacionamento materno na infância

5. Como você definiria o relacionamento que teve com sua mãe na infância?

Bom

6. Você sentia que era amada, admirada e desejada por sua mãe? Se sim ou não, o que te dava essa impressão?

Sim, porque o jeito que ela tratava e educava a gente, nós somos em cinco irmãos e fomos criados sem apanhar, sem brigar, sem discussão, apesar que na época só da mãe da gente olhar a gente já obedecia.

Identificação de percepção de negligencia materna

7. Você se sentia protegida por sua mãe na infância e na adolescência? Porque?

Sim, porque na época também tinha perigos como tem agora e eu acho que fui bem

criada e protegida, ela não me deu condições de estudar ou de ter uma faculdade mas a gente foi bem encaminhado.

8. Você sofreu agressões físicas e /ou verbais pela sua mãe?

Nunca.

9. Você se sentia abandonada pela sua mãe? Porque?

Não.

10. Você sentia medo da sua mãe? Porque?

Não.

Consequências do relacionamento

11. Você sente alguma culpa em relação a sua mãe? Qual?

Tenho culpa de não poder dar um conforto melhor para ela.

12. Você sente que pode contar segredos, confiar e contar com sua mãe? Porque?

Sim, eu conto.

13. O que sua mãe diria a seu respeito?

Diria que eu sou uma filha exemplar, maravilhosa, e que ela ama muito.

14. Você sente orgulho da sua mãe? Em que?

Sim, em tudo.

15. Você deseja ser parecida com sua mãe? Em que?

Não, eu não quero ter a paciência que minha mãe tem.

Percepção do relacionamento materno atualmente

16. Como você percebe que é a relação de vocês atualmente?

Boa, apesar de trabalhar muito e quase não convivermos, mas é boa.

17. Se você pudesse mudar algo na relação com sua mãe, o que seria?

Conversaria mais.